

Lamennais



Participação na Revista Espírita

Compilação de dados realizada por
Alexandre Luís de Souza Nunes
2014

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

LAMENNAIS

REVISTA ESPIRITA

(1860-1869)

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo.

- O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro.

- A história do Espiritismo na antiguidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa.

Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.

O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

O trabalho apresentado é uma compilação dos textos em que Lamennais é parte integrante como autor ou coautor espiritual na Revista Espírita. Os textos foram incluídos conforme a grafia original da edição digital citada nas referências.

Sumário

A Eletricidade Espiritual	9
A Hipocrisia	11
O Cristianismo	13
Os Inimigos do Progresso	15
Pensamentos Destacados	17
Alegoria de Lázaro.....	19
A pintura e a música	21
Sobre o Perispírito.....	23
O estilo é o homem	25
Dissertação de Lamennais.....	25
Réplica de Buffon	27
Perguntas dirigidas a Buffon a propósito de sua comunicação.	30
Defesa de Lamennais pelo visconde Delaunay.....	32
Resposta de Buffon ao visconde Delaunay.....	36
Resposta de Bernardin de Saint-Pierre	38
Lamennais a Buffon	39
Fantasia	40
Continuação	43
Gérard de Nerval.....	44
Conclusão de Erasto.....	44
Meditações filosóficas e religiosas	49
I	50
II.....	51
III.....	52
(Continuação).....	52
O Espiritismo é provado por milagres?	55
Lamennais	55
Meditações filosóficas e religiosas, pelo Espírito de Lamennais	
.....	57
A Cruz.....	57
Bem-aventurados os pobres de espírito	58

A Escravidão.....	59
A Caridade para com os Criminosos	61
Dissertações Espíritas	63
Os Mártires do Espiritismo	63
O Padeiro Desumano - Suicídio.....	65
A Pobre Mary.....	67
Sobre o quadro do Sr, Ingres.....	69
César, Clóvis e Charlemagne.....	71
O Perdão.....	75
A Razão e o Sobrenatural	77
Perguntas e Problemas	79
Dissertações Espíritas	85
As épocas de transição na Humanidade.....	85
Dissertações Espíritas	87
O Purgatório.....	87
Dissertações Espíritas	89
Longevidade dos patriarcas.....	89
Instruções dos Espíritos	91
Sobre a alimentação do homem	91
Instruções dos Espíritos	93
O Castigo pela Luz.....	93
Perguntas e Problemas	97
Cura Moral dos Encarnados.....	97
Estudos Morais.....	101
A Comuna de Koenigsfeld, O Mundo Futuro em Miniatura ..	101
Dissertações Espíritas	105
O cardeal Wiseman	105
I.....	105
II.....	107
III.....	108
IV	109
Dissertações espíritas.....	111

COMUNICAÇÃO COLETIVA	111
Os Espíritos Marcados	119
LAMENNAIS, FELICITE ROBERT DE, (1782-1854).....	125
Referências.....	127

A Eletricidade Espiritual

(Méd., Sr. Didier filho.)

O homem é um ser bem singular e bem fraco ao mesmo tempo; singular neste sentido, que no meio dos fenômenos que o cercam, não segue menos o seu curso comum, espiritualmente se entende; fraco neste sentido, que depois de ver, depois de ser tocado, sorri, porque o seu vizinho sorriu, e não pensa mais nisso; e notai que falo aqui não de seres vulgares, sem reflexão, sem aquisição; não, falo de pessoas inteligentes, na maioria, esclarecidas. De onde vem esse fenômeno? Porque eu nele refletindo, é um momento moral. Pois bem! O Espírito começou a agir sobre a matéria, pelo magnetismo e a eletricidade; entrou em seguida no coração mesmo do homem, e o homem disso não percebeu! Estranha cegueira! Cegueira, não produzida por uma causa estranha, mas voluntária, saída do Espírito; o Espiritismo veio em seguida; deu uma comoção ao mundo e o homem publicou livros muito sábios, em dizendo: é uma causa natural, é muito simplesmente eletricidade, uma lei física, etc.: e o homem ficou satisfeito; mas, ficai disto certos, o homem terá muitos livros ainda a escrever, antes de poder compreender o que há de escrito no livro da Natureza: o livro de Deus. A eletricidade, essa nuança entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito, o homem ainda não pode defini-la; por quê? Sabei-o: não podereis defini-la senão pelo magnetismo, essa manifestação material do Espírito; não conheceis ainda senão a eletricidade material; mais tarde, conhecereis também a

eletricidade espiritual, que não é outra senão o reino eterno da ideia.

LAMENNAIS, agosto, 1860.

A Hipocrisia

(Méd., Sr. Didier filho.)

Deveria haver, sobre a Terra, dois campos bem distintos: os homens que fazem o bem abertamente e aqueles que fazem o mal abertamente. Oh bem! Não. O homem não é mesmo franco no mal; ele aparenta a virtude. Hipocrisia! Hipocrisia! Deusa poderosa, quantos tiranos elevaste! Quantos ídolos fizeste adorar! O coração do homem é verdadeiramente muito estranho, uma vez que pode bater estando morto, uma vez que pode amar em aparência a honra, a virtude, a verdade, a caridade! O homem, cada dia, se prosterna diante dessas virtudes, e cada dia ele falta com a palavra, cada dia despreza o pobre e o Cristo; cada dia ele mente, cada dia ele é falso! Quantos homens parecem honestos pela aparência que freqüentemente engana! Cristo chamava-os sepulcros brancos, quer dizer, a podridão por dentro, o mármore por fora brilhando ao sol. Homem! Tu pareces efetivamente com essa morada da morte, e enquanto teu coração estiver morto, Jesus não o inspirará mais; Jesus, esta luz divina que não clareia exteriormente, mas que ilumina interiormente.

A hipocrisia é o vício da vossa época, entendei-o bem; e quereis vos fazer grandes pela hipocrisia! Em nome da liberdade, vos engrandeceis; em nome da moral vos embruteceis; em nome da verdade, mentis.

LAMENNAIS, outubro, 1860.

O Cristianismo

(Médium, Sr. Didier filho)

O que é necessário observar no Espiritismo é a moral cristã. Houve muitas religiões desde séculos, muitos cismas, e muitas pretensas verdades; e tudo o que se elevou fora do cristianismo caiu, porque o Espírito santo não o animava. O Cristo resume o que a moral mais pura, a mais divina, ensina ao homem com respeito aos seus deveres nesta vida e na outra. A antigüidade, no que ela tem de mais sublime, é pobre diante dessa moral tão rica e tão fértil. A auréola de Platão empalidece diante da do Cristo, e o copo de Sócrates é bem pequeno diante do imenso cálice do Filho do homem. És tu, ó Sésostris! Déspota do imóvel Egito, que podes te medir, do alto das pirâmides colossais, com o Cristo nascendo numa manjedoura? És tu Solon? És tu Licurgo, cuja lei bárbara condenava as crianças mal formadas, que podeis vos comparar àquele que disse face a face com o orgulho: "Deixai vir a mim as criancinhas?" Sois vós, pontífice sagrado do piedoso Numa, cuja moral queria a morte viva das vestais culpadas, que podeis vos comparar àquele que disse à mulher adúltera: "Levanta-te, mulher, e não peques mais?" Não, não mais que esses mistérios tenebrosos que praticáveis, ó padres antigos! com esses mistérios cristãos que são a base desta religião sublime que se chama cristianismo. Diante dele vós vos inclinais todos, legisladores e sacerdotes humanos; inclinai-vos, porque foi o

próprio Deus quem falou pela boca deste ser privilegiado que se chama Cristo. (LAMENNAIS, novembro, 1860)

Os Inimigos do Progresso

(Médium, Sr. R...)

Os inimigos do progresso, da luz e da verdade, trabalham na sombra; preparam uma cruzada contra as nossas manifestações; com isso não tomais nenhum cuidado; sois poderosamente sustentados; deixai-os se agitarem em sua impotência, entretanto, por todos os meios que estão em vosso poder, aplicai-vos em combater, aniquilar a idéia da eternidade das penas, pensamento blasfematório para com a justiça e a bondade de Deus, a mais fecunda fonte da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas depois que a sua inteligência começou a se desenvolver; o espírito prestes a se esclarecer, não estivesse senão desbastado, bem depressa compreende a monstruosa injustiça; sua razão a repele e então raramente falta em confundir, no mesmo ostracismo, a pena que o revolta, e o Deus ao qual se a atribui; daí os males sem número que vieram se precipitar sobre vós, e para os quais viemos trazer o remédio. A tarefa que nós vos assinalamos vos será tanto mais fácil quanto mais as autoridades sobre as quais se apoiam os defensores dessa crença evitaram todos de se pronunciarem formalmente; nem os concílios, nem os Pais da Igreja decidiram essa grave questão. Se, segundo os próprios evangelistas, e se tomando ao pé da letra as palavras emblemáticas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se extingue, um fogo eterno, e não há absolutamente nada, em suas palavras, que prove que ele haja condenado esses culpados eternamente. Pobres ovelhas desgarradas, sabeis ver

chegar de longe o bom Pastor, que longe de vos querer banir inteiramente de sua presença, ele mesmo vem ao vosso encontro para vos conduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o vosso exílio voluntário; voltai os vossos passos para a morada paterna: o pai vos estende os braços e se mantém sempre pronto a festejar o vosso retorno à família.

LAMENNAIS, novembro, 1860.

Pensamentos Destacados

O homem é o joguete dos acontecimentos, diz-se freqüentemente; de quais acontecimentos se quer falar? Quais seriam as suas causas, o seu objetivo? Nunca se viu o dedo de Deus. Esse pensamento vago e materialista, mãe da fatalidade, tem desviado mais de Espírito, mais de uma profunda inteligência. Balzac disse, vós o sabeis: "Não há princípios; não há senão os acontecimentos;" quer dizer, segundo ele, o homem não tem mais o livre arbítrio; a fatalidade o toma no berço e o conduz até o túmulo; monstruosa invenção do Espírito humano! Este pensamento abate a liberdade; a liberdade, quer dizer, o progresso, a ascensão da alma humana, demonstração evidente da existência de Deus. Se o homem se deixasse pois, conduzir, seria escravo de tudo: dos homens e de si mesmo! Ó homem! Desce em ti; nasceste para a servidão? Não; nasceste para a liberdade.

LAMENNAIS, novembro, 1860.

Alegoria de Lázaro

(Médium, Sr. Alfred Didier.)

Cristo amava um homem de nome Lázaro, e quando soube de sua morte, a sua dor foi grande, e se fez conduzir para junto de seu túmulo.

A irmã de Lázaro suplicava ao Senhor e lhe dizia: "É possível que possais restituir a vida ao meu irmão? Ó, vós que o amais tanto, restituí-lhe a vida!"

Mundo do décimo-nono século, morreste também; a fé, que é a vida dos povos, se extingue dia a dia; em vão alguns crentes quiseram te despertar em tua agonia: é muito tarde; Lázaro está morto, só Deus pode salvá-lo.

O Cristo se fez, pois, conduzir ao túmulo; levantou-se a pedra do sepulcro; o cadáver cercado de faixinhas se apresentou em todo o horror da morte. Cristo lançou um olhar para o céu, tomou a mão da irmã, e levantando a sua outra mão para o céu, exclamou: "Lázaro, levanta-te!" E apesar das faixinhas, apesar de sua mortalha, Lázaro despertou e se levantou.

O mundo! Assemelhas-te a Lázaro, nada pode te restituir a vida; o teu materialismo, as tuas torpezas, o teu ceticismo tem tantas faixinhas que cercam o teu cadáver, e te sentes mal, porque estás morto há muito tempo. Qual é aquele que te

exclamará como a Lázaro: em nome de Deus; levantai-vos! E o Cristo que obedece ao chamado do Espírito-Santo. Século, século, a voz de Deus se faz ouvir! Estás mais apodrecido do que Lázaro?

LAMENNAIS, dezembro, 1860.

A pintura e a música

(Sociedade Espírita de Paris, Médiun Sr. Alfred Didier.)

A arte foi definida cem mil vezes: é o belo, o verdadeiro, o bem. A música, que é um dos ramos da arte, está inteiramente no domínio da sensação. Entendamo-nos e tratemos de não ser obscuros. A sensação é produzida no homem quando ele compreende a de dois modos distintos, mas que se ligam estreitamente; a sensação do pensamento que tem por conclusão a melancolia ou a filosofia, e depois a sensação que pertence inteiramente ao coração. A música, segundo eu, é a arte que vai mais direta ao coração. A sensação, vós me compreendeis, está toda no coração; a pintura, a arquitetura, a escultura, a pintura antes de tudo, atingem bem mais a sensação cerebral; em uma palavra, a música vai do coração ao espírito, a pintura do pensamento ao coração. A exaltação religiosa criou o órgão: quando a poesia, sobre a Terra, toca o órgão, os anjos do céu lhe respondem ; assim a música séria, religiosa eleva a alma e os pensamentos: a música leviana faz vibrar os nervos, nada mais. Eu gostaria de interpretar alguma personalidades, mas não tenho direito disso: eu não estou mais sobre a Terra. Amai o Requiem de Mozart que o matou. Eu não desejo mais do que os Espíritos vossa morte pela música, mas a morte vivente entretanto, aí está o esquecimento de tudo o que é terrestre, pela elevação moral.

LAMENNAIS, maio, 1861.

Sobre o Perispírito

Ditado espontâneo a propósito de uma discussão que ocorrera, na Sociedade, sobre a natureza do Espírito e do Perispírito.

(Médium Sr. A. Didier)

Segui com interesse a discussão que se desenvolveu há pouco e vos colocou num tão grande embaraço. Sim, faltam cor e forma às palavras para exprimir o perispírito e a sua verdadeira natureza; mas há uma coisa certa, é que o que uns chamam perispírito não é outra coisa senão o que outros chamam de envoltório fluídico, material. Quando se discutem semelhantes questões, não são as frases que é preciso procurar, são as palavras. Eu diria, para me fazer compreender de maneira mais lógica, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos e a extensão da visão e das idéias; falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres são ainda completamente inerentes a eles; portanto, como vedes, é matéria; daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que não podem suportar os Espíritos superiores, tendo em vista que os fluidos terrestres estão depurados ao redor do pensamento, quer dizer, da alma. A alma, para o seu progresso, tem sempre necessidade de um agente; a alma sem agente nada é para vós, ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vós. O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, seja indiretamente por vosso corpo ou vosso perispírito, seja diretamente pela vossa alma; daí as infinitas nuanças de médiuns e de comunicações. Agora resta

o ponto de vista científico, quer dizer, a própria essência do perispírito; isto é um outro assunto. Compreendei, primeiro, moralmente; não resta mais que uma discussão sobre a natureza dos fluidos, o que é inexplicável no momento; a ciência não conhece bastante, mas a isso se chegará se a ciência quiser caminhar com o Espiritismo.

LAMENNAIS, junho, 1861.

O estilo é o homem

Revista Espírita, setembro de 1861

Polêmica entre vários Espíritos

(Sociedade Espírita de Paris)

Na sessão da Sociedade de 19 de julho de 1861, o Espírito de Lamennais deu espontaneamente a dissertação seguinte, sobre o aforismo de Buffon: O estilo é o homem, por intermédio do Sr. A. Didier, médium. Buffon, achando-se atacado, replicou, alguns dias depois, por intermédio do Sr. d'Ambel. Depois, sucessivamente, o visconde Delaunay (Sra. Delphine de Girardin); Bernardin de Saint-Pierre e outros mantiveram uma discussão. E esta polêmica, tão curiosa quanto instrutiva, que reproduzimos em sua íntegra. Notar-se-á que ela não foi nem provocada nem premeditada, e que cada Espírito veio espontaneamente tomar parte nela; Lamennais abriu a discussão, os outros o seguiram.

Dissertação de Lamennais

(Méd. Sr. A. Didier.)

Há um fenômeno bem estranho no homem, é o que se chamaria o fenômeno dos contrastes; antes de tudo, falamos das naturezas de elite; eis o fato: Encontrais no mundo Espíritos cujas obras poderosas contrastam estranhamente com a vida privada e os hábitos de seus autores. O Sr. de Buffon disse: O

estilo é o homem; infelizmente, esse grande senhor do estilo e da elegância viu demasiado todos os autores por si mesmo. E o que poderia se aplicar a ele está longe de ser aplicável a todos os outros escritores. Tomamos aqui a palavra estilo no sentido mais amplo e em sua mais larga acepção. O estilo, ao nosso ver, será a maneira grande, a forma mais pura pela qual o homem exprime as suas idéias. Todo gênio humano está, pois, aqui diante de nós, e, com um golpe de vista, contemplamos todas as obras da inteligência humana: poesia na arte, na literatura e na ciência. Longe de dizer, como Buffon: O estilo é o homem, diremos, talvez de maneira menos concisa, menos formulada, que o homem, pela sua natureza inconstante, difusa, contrariante e revoltada, freqüentemente, escreve contrariamente à sua natureza primeira, às suas primitivas aspirações, e eu diria mesmo mais, às suas crenças.

A miúdo, lendo as obras de mais de um grande gênio de um século ou de um outro, nós nos dizemos: Que pureza! Que sensibilidade! Que crença profunda no progresso! Que grandeza! Depois aprende-se que o autor, longe de ser o autor moral de suas obras, delas não é senão o autor material, imbuído de preconceitos e de idéias preconcebidas. Há aí um grande fenômeno, não somente humano, mas espírita.

Muito freqüentemente, pois, o homem não se reflete em suas obras; diremos também quantos poetas gastos, embrutecidos; quantos artistas desiludidos sentem, de repente, uma centelha divina iluminar, por vezes, a sua inteligência! Ah!

é que aqui o homem escuta outra coisa do que a si mesmo; ele escuta o que o profeta Isafas chamava o pequeno sopro, e que nós, nós chamamos os Espíritos. Sim, sentem neles essa voz sagrada, mas esquecem Deus e sua luz, e a atribuem a si mesmos; recebem a graça na arte como outros a recebem na fé, e ela toca, algumas vezes, aqueles que pretendem negá-la.

Réplica de Buffon

(Méd. Sr. d'Ambel.)

Foi dito que eu era um gentil-homem de letras, e que meu estilo, vestido com gosto, cheirava a poeira e a tabaco da Espanha; não é a mais certa consagração desta verdade: O estilo é o homem? Se bem que haja um pouco de exagero, me apresentando a espada ao lado e a pena à mão, confesso que amava as belas coisas, as roupas lantejouladas, as rendas e as vestes vistosas, em uma palavra, tudo o que era elegante e delicado; portanto, era natural que eu fosse sempre elegante; por isso, meu estilo carrega consigo essa marca de bom tom, esse perfume de boa companhia que se encontra igualmente em nossa grande Sévigné. Que quereis! sempre preferi as alcovas e as antecâmeras aos cabarés e às multidões de baixa condição. Permitti-me-eis, pois, apesar da opinião emitida pelo vosso contemporâneo Lamennais, manter meu judicioso aforismo, apoiando-o em alguns exemplos tomados entre os vossos autores e os vossos filósofos modernos. Uma das infelicidades de vosso tempo é que muitos fizeram ofício de sua pena; mas

deixemos esses artesãos da pena que, semelhantes aos artistas da palavra, escrevem indiferentemente pró ou contra tal idéia, segundo aquele que os paga, e gritam segundo os tempos: Viva o rei! Viva a Liga! Deixemo-los; aqueles, para mim, não são, de nenhum modo, autores sérios.

Vejam, abade, não vos ofendais se vos tomo, vós mesmo, como exemplo; a vossa vida, mal fundamentada, não está sempre refletida em vossas obras? E Da indiferença em matéria de religião às vossas Palavras de um crente, que contraste, como dizeis! Não obstante, o vosso tom doutorai é tão categórico, tão absoluto numa como na outra dessas obras. Sois bilioso, abade, convinde nisso, e destilais a vossa bile em queixas amargas em todas as belas páginas que deixastes. Em sobrecasaca abotoada, como em batina, ficastes desclassificado, meu pobre Lamennais. Vejam, não vos irriteis, mas convinde comigo que o estilo é o homem.

Se de Lamennais passo a Scribe, o homem feliz se reflete nas tranqüilas e pacíficas comédias de costumes. É alegre, feliz e sensível: semeia a sensibilidade, a alegria e a felicidade em suas obras. Nele, jamais o drama, jamais o sangue; somente alguns duelos sem perigos para punir o traidor e o culpado.

Vede em seguida Eugène Sue, o autor dos Mistérios de Paris. Ele é forte como o seu príncipe Rodolphe, e, como ele, aperta em sua luva amarela a mão calejada do operário; como ele se faz o advogado das causas populares.

Vede o vosso Dumas vagabundo, desperdiçando a sua vida e a sua inteligência; indo do pólo sul ao pólo norte tão facilmente quanto os seus famosos mosqueteiros; brincando de conquistador com Garibaldi, e indo da intimidade do duque de Orléans à dos párias napolitanos; fazendo romances com a história, e pondo a história em romances.

Vede as obras orgulhosas de Victor Hugo, esse tipo de orgulho encarnado; eu, mim, disse Hugo poeta; eu, mim, disse Hugo sobre o seu rochedo de Jersey.

Vede Murger, esse cantor de costumes fáceis, desempenhando conscienciosamente seu papel nessa boêmia que ele cantou. Vede Nerval, de cores estranhas, de estilo ornado e incoerente, fazendo fantasia com a sua vida, como com a sua pena. Quantos deles deixo, e dos melhores! Como Soulié e Balzac dos quais a vida e as obras seguem caminhos paralelos. Mas creio que esses exemplos vos bastarão para que não repilais, de maneira tão absoluta, o meu aforismo: O estilo é o homem.

Não teríeis, caro abade, confundido a forma e o fundo, o estilo e o pensamento? Mas ainda aí tudo se liga.

Perguntas dirigidas a Buffon a propósito de sua comunicação

Perg. Nós vos agradecemos pela espiritual comunicação que consentistes em nos dar; mas há uma coisa que nos admira, é que estais tão ao corrente dos menores detalhes de nossa literatura, apreciando com uma justeza notável as obras e os autores. Ocupai-vos, pois, ainda bastante com o que se passa sobre a Terra para disso ter conhecimento? Ledes, portanto, tudo o que se publica? Quereis nos dar, a esse respeito, uma explicação que será muito útil para a nossa instrução?

Resp. Não temos necessidade de muito tempo para ler e apreciar; com um único golpe de vista percebemos o conjunto das obras que atraem a nossa atenção. Todos, tantos que somos, nos ocupamos com interesse com o vosso pequeno grupo, e não poderíeis crer quantos daqueles que chamais homens eminentes seguem com benevolência o progresso do Espiritismo. Deveis pensar também o quanto fiquei feliz em ver o meu nome pronunciado por um de seus fiéis Espíritos, Lamennais, e com que prontidão aproveitei a ocasião de me comunicar convosco. Com efeito, quando fui lembrado em vossa última sessão, recebi, por assim dizer, o contra-golpe de vosso pensamento; e não querendo que a verdade, que havia proclamado em meus escritos, fosse transtornada sem ser defendida, pedi a Erasto para me emprestar o seu médium para responder às assertivas de Lamennais. Por outro lado, deveis compreender que cada um de

nós permanece fiel às suas preferências terrestres; é porque nós outros, escritores, estamos atentos ao progresso que os autores vivos realizam, ou crêem realizar, na literatura; do mesmo modo que os Jouffroy, os Laroque, os Ia Romiguière, se preocupam com a filosofia, e os Lavoisier, os Berzélius, os Thénard com a química, cada um cultiva a sua .opinião e se lembra com amor de seus trabalhos, seguindo com olhar inquieto o que fazem os seus sucessores.

Perg. Apreciastes, com poucas palavras, vários escritores contemporâneos, mortos ou vivos; vos ser-vos-íamos muito reconhecidos em nos dar, sobre alguns, uma apreciação um pouco mais desenvolvida; esse seria um trabalho acompanhado que nos seria muito útil. Para começar, vos pedimos para nos falar de Bernardin de Saint-Pierre, e sobretudo de seu Paul et Virginie que condenastes a leitura, e que, no entanto, tornou-se uma das obras mais populares.

Resp. Não posso aqui empreender o desenvolvimento crítico das obras de Bernardin de Saint-Pierre; mas quanto à minha apreciação de então, posso confessá-la hoje: eu era como o Sr. Josse, um tanto ourives; em uma palavra, fiel ao espírito de confraternização literária, sovava, quanto podia, um importuno e importante concorrente. Dar-vos-ei, mais tarde, uma apreciação verdadeira sobre esse eminente escritor, se um Espírito, realmente crítico, como Merle ou Geoffroy, não se encarregar de fazê-lo.

Defesa de Lamennais pelo visconde Delaunay

(Médium Sr. d'Ambel.)

Nota. Na conversação que teve lugar na Sociedade sobre as comunicações precedentes, o nome da senhora de Girardin foi pronunciado a propósito do assunto em discussão, embora não haja sido mencionado pelos Espíritos interlocutores; é o que explica a estréia do novo interveniente.

- Em vossas últimas sessões, me colocastes um pouco em causa, senhores Espíritas, e creio que me destes o direito, como se diz no Palais, de intervir nos debates. Não foi sem prazer que ouvi a profunda dissertação de Lamennais e a resposta, um pouco viva, do Sr. de Buffon; mas falta uma conclusão a esse torneio; portanto, intervenho e me erijo juiz do campo, com a minha autoridade particular. Aliás, pedíeis um crítico; eu vos respondo: tomai meu urso; porque se disso vos lembrais, participei, em minha vida, de maneira que se dizia magistral, desse temido posto de crítico executor; apraz-me infinitamente retornar sobre esse terreno amado. Ora, pois, era uma vez..... mas não, deixemos aí as banalidades do gênero e entremos seriamente na matéria.

Senhor de Buffon, manejas o epigrama de maneira bonita; vê-se que resultais do grande século; mas, por elegante escritor que sejas, um visconde de minha raça não teme levantar vossa luva e cruzar armas convosco. Então, meu gentil-homem! fostes bem duro para esse pobre Lamennais, que tratastes de

desclassificado! É a culpa desse gênio extraviado se, depois de ter escrito com mão de mestre esse estudo esplêndido que lhe censurastes, ele se voltou para outras regiões, para outras crenças? Certamente, as páginas da Indiferença em matéria de religião seriam assinadas a duas mãos pelos melhores prosadores da Igreja; mas se essas páginas permaneceram de pé quando o padre se desconcertou, disso não conheceis a causa, vós tão rigoroso? Ah! Olhai Roma, e lembrai-vos de seus costumes dissolutos, e tereis a chave dessa mudança de idéias que vos espantou. Ora essa! Roma está tão longe de Paris!

Os filósofos, os pesquisadores do pensamento, todos esses rudes trabalhadores incansáveis do eu psicológico, jamais devem ser confundidos com os escritores de pura forma; estes escrevem para os prazeres do público, aqueles para a ciência profunda; estes últimos não têm por preocupação senão a verdade, os outros não se vangloriam de serem lógicos: fogem à uniformidade. Em suma, o que procuram, o que vós mesmo procuráveis, meu bom senhor, quer dizer a fama, a popularidade, o sucesso, que se resumem em bons escudos vacilantes. De resto, salvo isso, a vossa espiritual resposta é muito verdadeira para que não a aplaudisse com o maior prazer; somente isso de que responsabilizais o indivíduo, responsabilizo o meio social. Enfim, tinha que defender meu contemporâneo que, sabeis bem, não correu nem alcovas, nem cabarés, nem antecâmaras, nem multidão de baixa condição. Bem empoleirado em sua mansarda, sua única distração era esmigalhar o pão para os pardais barulhentos que vinham visitá-lo em sua cela da rua de

Rivoli; mas a sua suprema alegria era estar sentado diante de sua mesa manca, e fazer voltear a sua pena rápida sobre as folhas virgens de um caderno de papel!

Ah! Certamente, teve razão em se lamentar, esse grande Espírito enfermo que, para evitar a mancha de um século material, desposara a Igreja católica, e que, depois de tê-la desposado, encontrou a mancha assentada sobre os degraus da escada do altar. É sua culpa se, lançado jovem entre as mãos dos clérigos, não pôde sondar a profundidade do abismo em que se precipitava? Sim, teve razão em exalar suas queixas amargas, como dissestes; não é a imagem viva de uma educação mal dirigida e de uma vocação imposta?

Padre despadrado! Sabeis quantos ineptos burgueses lhe lançaram, freqüentemente, essa injúria à face, porque ele obedeceu às suas convicções e ao impulso de sua consciência? Ah! crede-me, feliz naturalista, enquanto corréis as belas e vossa pena, célebre pela conquista do cavalo, era louvada por lindas pecadoras e aplaudida por mãos perfumadas, ele subia penosamente o seu Gólgota! Porque, como o Cristo, bebeu o seu cálice de amargura e carregou rudemente a sua cruz!

E vós, senhor de Buffon, é que não dais um pouco o flanco à crítica? Vejamos. Pois sim! O vosso estilo é janota como vós, e como vós todo de lantejoulas vestido! Mas também que intrépido viajor fostes? Visitastes países!... não, bibliotecas desconhecidas? Que infatigável pioneiro! Arrosteastes

florestas!... não, manuscritos inéditos e ineditados! Nisto convenho, recobristes todos os vossos ricos despojos com um verniz brilhante que está bem a vós. Mas de todos esses volumes atravancadores o que há de sério para vós como estudo, como fundo? A história do cão, do gato ou do cavalo talvez? Ah! Lamennais escreveu menos do que vós, mas tudo está bem a ele, senhor de Buffon: a forma e o fundo. Se vos acusava, outro dia, de ter menosprezado o valor das obras do bom Bernardin de Saint-Pierre; vos desculpastes um pouco jesuiticamente; mas não dissestes que se recusastes a vitalidade a Paul et Virginie, é que em obra desse gênero, estais ainda na grande Scudéri, no grande Cyrus e no país do Tendre, enfim, em toda essa ninharia sentimental que faz tão bem entre os donos de sebos, esses negociantes de casaca da literatura. Eh! eh! senhor de Buffon, começais a cair lindamente baixo na estima desses senhores, ao passo que o utopista Bernardin conservou um curso elevado. A Paix universelle, uma utopia! Paul et Virginie, uma utopia! Vamos, vamos! O vosso julgamento foi anulado pela opinião pública. Disso não falemos mais.

Minha fé, tanto pior! Colocastes a pena à minha mão, e dela uso e abuso; isso vos ensinará, caros Espíritas, a vos inquietar com um baixo azul reformado como eu, a vos perguntar por minhas notícias. Esse caro Scribe nos chegou todo atordoado desses últimos semi-sucessos; gostaria que nos erigíssemos em Academia; falta-lhes sua palma verde; era tão feliz sobre a Terra, que hesita ainda em sentar-se em sua nova

posição. Ora essa! ele se consolará vendo retomar suas peças, e em algumas semanas não mais aparecerá.

Gérard de Nerval vos deu ultimamente uma encantadora fantasia inacabada; a acabá-la-á, esse caprichoso Espírito? Quem o sabe! Entretanto, queria concluir que o verdadeiro do sábio não sendo o verdadeiro, o belo do pintor não sendo o belo, e a coragem da criança sendo mal recompensada, tinha feito bem em seguir os desvios de sua cara Fantasia.

Nota. Ver adiante *Fantasia*, por Gérard de Nerval.

Resposta de Buffon ao visconde Delaunay

Convidastes-me a entrar num debate do qual estava vivamente despedido, para não me tê-lo por dito; e vos confesso que prefiro permanecer no meio pacífico onde estava, a me expor a uma semelhante carga à rédea solta. Em meu tempo, trocava-se um gracejo mais ou menos ateniense, mas hoje, puxa! Vai-se a golpes de chicote chumbado. Obrigado! Eu me retiro; disso tenho mais do que me é preciso; porque estou ainda todo marcado pelos golpes do visconde. Convinde que, se bem que hajam sido generosamente, muito generosamente administrados pela graciosa mão de uma mulher, não são menos pungentes. Ah! senhora, vós me chamastes à caridade de um modo pouco caridoso. Visconde! sois muito temido; eu vos entrego as armas e reconheço humildemente meus erros. Nisso convenho,

Bernardin de Saint-Pierre foi um grande filósofo; que digo eu? Ele encontrou a pedra filosofal, e não sou, como não fui, senão um indigesto compilador! Eis aí! estais contente? Vejamos, sede gentil e não me humilheis mais assim doravante, sem o que obrigáreis um gentil-homem, amigo de nosso grupo parisiense, a deixar o lugar, o que não faria senão seu grande desgosto, porque tem que aproveitar, ele também, os ensinamentos espíritas, e conhecer o que se passa aqui.

E tomai: ouvi hoje o relato de fenômenos tão estranhos que, em meu tempo, teriam sido queimados vivos, como feiticeiros, os atores e mesmo os narradores desses acontecimentos. Entre nós, estão bem aí os fenômenos espíritas? A imaginação de um lado, e o interesse de outro, nisso não estão para alguma coisa? Eu não quero isso jurar. Que pensa disso o espiritual visconde? Quanto a mim, me lavo as mãos. Aliás, se creio em meu julgamento de naturalista, todo naturalista de gabinete que me chame, os fenômenos dessa ordem não devem ocorrer senão muito raramente. Quereis minha opinião sobre o negócio de Havana? Pois bem! Há ali um bando de pessoas mal intencionadas, que têm todo interesse em desacreditar a propriedade, para que possa ser vendida a preço vil, e proprietários medrosos e tímidos, espantados com uma fantasmagoria muito bem montada. Quanto ao lagarto: lembro-me bem de lhe ter escrito a história, mas confesso não ter jamais encontrado os diplomados pela faculdade de medicina. Há aqui um médium de cérebro fraco, que tomou em sua imaginação fatos que não tinham, em suma, nenhuma realidade.

Nota. Este último parágrafo faz alusão a dois fatos contados na mesma sessão e dos quais, por falta de lugar, adiamos o relato para um outro número. Buffon dá a esse respeito sua opinião, espontaneamente.

Resposta de Bernardin de Saint-Pierre

(Méd. Senhora Costel)

Venho, eu, Bernardin de Saint-Pierre, misturar-me a um debate em que meu nome foi pronunciado, discutido e defendido. Não posso ser da opinião de meu espiritual defensor; o senhor de Buffon tem um valor outro que o de um compilador eloqüente. Que importam os erros literários de um julgamento, freqüentemente, tão fino e delicado nas coisas da natureza e que não se extraviou senão pela rivalidade e o ciúme de ofício!

No entanto, sou inteiramente de opinião contrária à sua, e, como Lamennais, digo: não, o estilo não é o homem. Disso sou uma prova eloqüente, eu, cuja sensibilidade jazia inteiramente no cérebro, e que inventava o que os outros sentem. Do outro lado da vida julgam-se com frieza coisas da vida terrestre, coisas acabadas; não mereço toda reputação literária da qual gozei. Paul et Virginie, se aparecesse hoje, seria facilmente eclipsado por uma quantidade de encantadoras produções que passam despercebidas; é que o progresso de vossa época é grande, maior do que vós, contemporâneos, podeis julgá-lo. Tudo se eleva: ciências, literatura, arte social; mas tudo se eleva

como nível do mar em maré montante, e os marinheiros que estão ao largo não podem julgá-la. Estais ao largo.

Retorno ao senhor de Buffon de quem louvo o talento e de quem esqueço a censura, e também ao meu espiritual defensor que sabe descobrir todas as verdades, seus sentidos espirituais, e que lhes dá uma cor paradoxal. Depois de vos ter provado que os literatos mortos não conservam nenhum rancor, eu vos dirijo todos os meus agradecimentos e também o meu vivo desejo de poder vos ser útil.

Lamennais a Buffon

(Méd Sr. A. Didier.)

É preciso prestar bem atenção, senhor de Buffon; não concluí, de nenhum modo, de maneira literária e humana; encarei a questão de outro modo, o que dela deduzi foi isto: "Que a inspiração humana, muito freqüentemente, é divina." Não havia aí matéria para nenhuma controvérsia. Não escrevo mais com essa pretensão, e podeis vê-lo mesmo em minhas reflexões sobre a influência da arte, sobre o coração e o cérebro (1-(1) Alusão a uma série de comunicações ditadas por Lamennais. sob o título de: Meditações filosóficas e religiosas, e que publicaremos no próximo número.); evitei o mundo e as personalidades; não retornamos jamais ao passado, vejamos o futuro. Cabe aos homens julgar e discutir nossas obras; cabe-nos

dar-lhes outras, todas emanadas desta idéia fundamental: Espiritismo. Mas para nós: adeus ao mundo!

Fantasia

por Gérard de Nerval
(Méd. Sr. A. Didier.)

Nora. Lembra-nos que Buffon, falando dos autores contemporâneos, disse que "Gérard de Nerval, em cores estranhas no estilo rendado e desordenado, fazia da fantasia como sua vida, como sua pena." Gérard de Nerval, em lugar de discutir, respondeu a esse ataque ditando espontaneamente o trecho seguinte, ao qual ele mesmo deu o título de Fantasia. Escreveu em duas sessões, e foi no intervalo que teve lugar a resposta do visconde Delaunay a Buffon; foi por isso que disse que não sabia se esse caprichoso Espírito o terminaria, e dele dá a conclusão provável.

Não a colocamos em seu lugar cronológico, para não interromper a série de ataques e de réplicas, Gérard de Nerval não se misturando aos debates senão por essa alegoria filosófica.

- Um dia, em uma de minhas fantasias, cheguei, não sei como, junto ao mar, num pequeno porto pouco conhecido; que importa! Tinha abandonado, por algumas horas, meus companheiros de viagem, e pude me entregar à fantasia mais agitada, uma vez que é o termo consagrado às minhas evoluções

cerebrais. Não é preciso, no entanto, crer que a Fantasia, seja sempre uma filha extravagante, entregando-se às excentricidades do pensamento; freqüentemente, a pobre filha ri para não chorar, e sonha para não cair; freqüentemente, seu coração está ébrio de amor e de curiosidade, quando a sua cabeça se perde nas nuvens; é talvez porque ela ama muito, essa pobre imaginação; deixai-a, pois, errar, uma vez que ama e que ela admira.

Eu estava, pois, com ela no dia em que contemplava o mar do qual o céu era o horizonte, quando no meio de minha solidão a dois, percebi um pequeno velho, ornamentado, é verdade! Tivera o tempo de sê-lo, felizmente, porque estava bastante enfraquecido; mas o seu ar era tão positivo, seus movimentos tão regulares, que essa sabedoria e essa harmonia em suas maneiras supriam os nervos e os músculos entorpecidos. Sentou-se, examinou bem o terreno, e se assegurou de que não seria picado por alguns desses pequenos animais que formigam sob a areia do mar; depois depositou ao lado dele sua bengala com cabo de ouro; mas julgai meu espanto, quando colocou seus óculos. Óculos! para ver a imensidade! Fantasia deu um pulo terrível e quis se lançar sobre ele; cheguei a acalmá-la com muita dificuldade; aproximava-me, escondido atrás de uma rocha, e quis ouvir com todos os meus ouvidos: "Eis, pois, a imagem de nossa vida! o grande todo, eilo! Profunda verdade! Eis, pois, nossas existências elevadas e inferiores, profundas e mesquinhas, revoltadas e calmas! Ó vagas! Vagas! Grande flutuação universal!" Depois o pequeno velho não fala mais senão em si mesmo. Fantasia, até ali, fora

pacífica, e escutara religiosamente; mas não se conteve mais, soltou uma longa gargalhada; não tive senão o tempo de transportá-la em meus braços, e abandonamos o pequeno velho. "Em verdade, dizia Fantasia, deve ser um membro de alguma sociedade sábia." Depois de ter corrido durante algum tempo, percebemos uma tela de pintor, representando um pedaço de falésia e o começo do Oceano. Eu olhava, ou antes, nós olhávamos a tela. O pintor, provavelmente, procurava um outro local nas redondezas; depois de ter olhado a tela, olhei a natureza e alternativamente. Fantasia quis romper a tela; tive muito trabalho para contê-la. - Como! disse-me ela, são sete horas da manhã, e vejo sobre esta tela um efeito que não tem nome! Eu compreendi perfeitamente o que Fantasia me explicava. Ela tem verdadeiramente sentido, essa filha extravagante, dizia-me, e quis me afastar. Ah! o artista escondido tinha seguido as menores nuances de minha expressão; quando os seus olhos encontraram os meus, isso foi um choque terrível, um choque elétrico. Lançou-me um desses olhares soberbos que parecem dizer: Vermezinho! Desta vez, Fantasia ficou terrificada com tanta insolência, e viu retomar com estupefação sua palheta. "Não tens mais a de Lorrain," disse-lhe ela rindo.

Depois, virando-se para mim: "Já vimos o verdadeiro e o belo, disse-me ela, procuremos, pois, um pouco o bem." Depois de ter subido nas falésias, percebi uma criança, um filho de pescador que podia bem ter de treze a catorze anos; ele brincava com um cão e corriam um depois do outro, este ladrando e o

outro gritando. Súbito, ouvi no ar gritos que pareciam vir da falésia; logo a criança se lançou, de um pulo para uma senda rápida que conduzia ao mar; Fantasia, apesar de todo o seu ardor, teve dificuldade para segui-lo; quando chegou ao pé da falésia, vi um espetáculo terrível; a criança lutava contra as vagas e conduzia para a praia um infeliz que se debatia contra ele seu salvador; quis me lançar, mas a criança me gritou para nada lhe fazer, e ao cabo de alguns instantes, contundida, esmagada e tremendo, abordou com o homem que salvara. Era, segundo toda a aparência, um banhista que se aventurara muito longe, e que caiu numa corrente.

Continuarei numa outra vez.¹

Nota. Foi nesse intervalo que ocorreu a comunicação do visconde Delaunay, reportada acima.

Continuação

Depois de alguns instantes, o afogado retornou pouco a pouco à vida, mas isso, senão para dizer: "É incrível, eu que nado tão bem!" E viu bem aquele que o salvara, mas, me olhando, acrescentou: "Ufa! Escapei por um triz! Há certos momentos, sabeis, em que se perde a cabeça; não são as forças que vos traem, mas... mas..." Vendo que não podia continuar,

¹ Nota do autor na versão original.

apressei-me em dizer-lhe: "Enfim, graças a esse bravo jovem, eis-vos salvo." Ele olhou a criança que o examinava com o ar mais indiferente do mundo, os punhos sobre os quadris. O senhor se pôs a sorrir: "É, todavia, verdade," disse ele; depois me cumprimentou. Fantasia quis correr atrás dele. Ora essa! Disse-me ela reconsiderando o fato, é todo natural." A criança viu-o afastar-se, depois retornou ao seu cão. Fantasia, desta vez, chorou.

Gérard de Nerval

Tendo um membro da Sociedade feito observar que faltava a conclusão, Gérard acrescentou estas palavras:

"Estou para vós de todo o coração para um outro ditado, mas este, Fantasia me disse para deter-me aí; talvez esteja errada; ela é tão caprichosa!"

A conclusão fora dada antes pelo visconde Delaunay.

Conclusão de Erasto

Depois do torneio literário e filosófico que ocorreu nas últimas sessões de vossa Sociedade, e ao qual assistimos com uma verdadeira satisfação, creio necessário, do ponto de vista puramente espírita, vos participar algumas reflexões que foram

suscitadas por esse interessante debate no qual, de resto, não quero intervir de nenhum modo. Mas, antes de tudo, deixai-me dizer-vos que se a vossa reunião foi animada, essa animação não foi nada perto daquela que reinava entre os grupos numerosos de Espíritos eminentes que essas sessões, quase acadêmicas, tinham atraído.

Ah! certamente se pudésseis vos tornar videntes instantaneamente, estaríeis surpresos e confusos diante desse areópago superior. Mas não tenho intenção de vos revelar hoje o que se passa entre nós; meu objetivo é unicamente vos fazer ouvir algumas palavras a respeito do proveito que deveis retirar dessa discussão, do ponto de vista de vossa instrução espírita.

Conheceis de longa data Lamennais, e certamente apreciastes quanto esse filósofo ficou apaixonado de idéia abstrata; sem dúvida, notastes quanto ele persegue com persistência e, devo dizer-lo, com talento, suas teorias filosóficas e religiosas; deveis disso deduzir logicamente que o ser pessoal pensante prossegue, mesmo além do túmulo, seus estudos e seus trabalhos, e que por meio dessa lucidez, que é o apanágio particular dos Espíritos, comparando seu pensamento espiritual com seu pensamento humano, deve dele eliminar tudo o que o obscurece materialmente. Pois bem! o que é verdadeiro para Lamennais é igualmente verdadeiro para os outros, e cada um, no vasto país da erraticidade, conserva suas aptidões e sua originalidade.

Buffon, Gérard de Nerval, o visconde Delaunay, Bernardin de Saint-Pierre conservam, como Lamennais, os gostos e a forma literária que notáveis neles quando vivos. Creio que é útil chamar a vossa atenção sobre esta condição de ser de nosso mundo de além-túmulo, para que não vos deixeis ir a crer que se abandonam instantaneamente seus pendores, seus costumes e suas paixões, despojando-se da veste humana. Sobre a Terra, os Espíritos são como prisioneiros que a morte deve libertar; mas do mesmo modo que aquele que está sob os ferrolhos tem as mesmas propensões, conserva a mesma individualidade quando está em liberdade, do mesmo modo os Espíritos conservam suas tendências, sua originalidade, suas aptidões, quando chegam entre nós; todavia, salvo aqueles que passaram, não por uma vida de trabalho e de provas, mas por uma vida de castigo, como os idiotas, os cretinos e os loucos. Para estes, as faculdades inteligentes, tendo permanecido no estado latente, não despertam senão em sua saída da prisão terrestre. Isto, como o pensais, deve-se entender do mundo espírita inferior ou médio, e não dos Espíritos elevados, isentos da influência corporal.

Ides tomar vossas férias, senhores Sócios; permiti-me vos dirigir algumas palavras amigas antes de nos separar por algum tempo. Creio que a doutrina consoladora que viemos vos ensinar não conta senão com adeptos fervorosos entre vós; por isso, como é essencial que cada um se submeta à lei do progresso, creio dever vos aconselhar examinar, perante vós, que proveito retirastes pessoalmente de nossos trabalhos

espíritas, e que melhoria moral disso resultou em vossos meios recíprocos. Porque, vós o sabeis, não basta dizer: Sou Espírita, e encerrar no fundo de si mesmo esta crença; mas o que vos é indispensável saber é se os vossos atos estão conformes às prescrições de vossa fé nova que é, não se poderia por de mais vo-lo repetir: Amor e caridade. Que Deus seja convosco!

LAMENNAIS, setembro, 1861.

Meditações filosóficas e religiosas

Ditados ao Sr. Alfred Dídier, médium, pelo Espírito de Lamennais.

(Sociedade Espírita de Paris)

Já publicamos um certo número de publicações ditadas pelo Espírito de Lamennais, e das quais se pôde notar a alta importância filosófica. Algumas vezes, o assunto era nitidamente indicado, mas, freqüentemente, também não tinha caracteres bastante marcantes para que fosse fácil dar-lhe um título. Tendo feito a observação ao Espírito, ele respondeu que se propunha a dar uma série de dissertações sobre diversos assuntos variados, e à qual propôs o título geral de *Meditações filosóficas e religiosas*, salvo dar um título particular aos assuntos que o comportassem. Suspendemos sua publicação até que tivéssemos um conjunto suscetível de ser coordenado; é essa publicação que começamos hoje, e que continuaremos nos números seguintes.

Devemos fazer observar que só os Espíritos chegados a um grau muito alto de perfeição estão aptos para julgar as coisas de maneira completamente sadia; que, até lá, qualquer que seja o desenvolvimento de sua inteligência, e mesmo de sua moralidade, podem estar mais ou menos imbuídos de suas idéias terrestres, e ver as coisas do seu ponto de vista pessoal, o que explica as contradições que se encontram, freqüentemente, em suas apreciações. Lamennais nos parece estar neste caso; sem

dúvida, há nessas comunicações muito belas e muito boas coisas, como pensamentos e como estilo, mas as há, evidentemente, que podem se prestar à crítica, e das quais não assumimos, de nenhum modo, a responsabilidade; cada um está livre para delas tirar o que encontrar de bom, e para rejeitar o que lhe pareça mau; só os Espíritos perfeitos podem produzir coisas perfeitas; ora, Lamennais, que sem contradita é um Espírito bom e avançado, não tem a pretensão de ser ainda perfeito, e o caráter sombrio, melancólico e místico do homem se reflete, incontestavelmente, sobre o do Espírito e, por conseguinte, sobre as suas comunicações; só sob esse ponto de vista já seriam um interessante objeto de observações.

I

As idéias mudam, mas as idéias e os desígnios de Deus não mudam nunca. A religião, quer dizer, a fé, a esperança e a caridade, uma só coisa em três, o emblema de Deus sobre a Terra, permanece inabalável no meio das lutas e dos preconceitos. A religião existe, antes de tudo, nos corações, portanto, ela não pode mudar. É no momento em que a incredulidade reina, em que as idéias se chocam e se entrechocam, sem proveito para a verdade, que aparece esta Aurora que vos diz: Venho, em nome do Deus dos vivos e dos mortos; só a matéria é precível, porque ela é divisível; mas a alma é imortal, porque ela é una e indivisível. Quando a alma do homem amolece na dúvida sobre a eternidade, ela toma moralmente o aspecto da matéria; divide-se e, por consequência,

está sujeita às provas infelizes em suas novas reencarnações. A religião é, pois, a força do homem; ela assiste, todos os dias, às novas crucificações que inflige ao Cristo; ouve, todos os dias, as blasfêmias que lhe são lançadas à face; mas, forte e inabalável como a Virgem, assiste divinamente ao sacrifício de seu filho, porque possui nela a fé, a esperança e a caridade. A Virgem desmaiou diante das dores do Filho do homem, mas não morreu.

II SANSÃO

Depois de uma leitura da Bíblia sobre a história de Sansão, vi em meu pensamento um quadro análogo ao do poderoso artista que a França vem de perder, Decamps. Vi um homem de uma estatura colossal, com membros musculosos, como o Dia, de Michelângelo, e esse homem forte dormia ao lado de uma mulher que queimava, ao seu redor, perfumes tais que os Orientais sempre souberam introduzir em seu luxo e em seus costumes efeminados. Os membros desse gigante caíam de lassidão, e um pequeno gato saltava ora sobre ele, ora sobre a mulher que estava junto dele. A mulher se inclinou para ver se o gigante dormia; depois tomou pequenas tesouras e se pôs a cortar a cabeleira ondulante do colosso, e sabeis o resto. - Homens armados se arrojaram sobre ele, amarraram-no fortemente, e o homem preso nas redes de Dalila se chama Sansão, disse-me de repente um Espírito que logo vi perto de mim; esse homem representa a Humanidade enfraquecida pela

corrupção, quer dizer, pela avidez e a hipocrisia. A Humanidade, quando Deus esteve com ela, levantou, como Sansão, as portas de Gaza; a Humanidade, quando teve por sustento a liberdade, quer dizer, o cristianismo, esmagou seus inimigos, como esse gigante esmagou sozinho um exército de Filisteus. - Assim, respondi ao meu Espírito, a mulher que está junto dele... Ele não me deixou arrematar, e me disse: "É a que substituiu Deus; e pensa que não quero falar da corrupção dos séculos passados, mas do vosso." Por muito tempo, Sansão e Dalila não haviam se apagado ante os meus olhos; eu via o anjo, sempre só, que me disse sorrindo: "A Humanidade está vencida." Seu rosto se tornou então reflexivo e profundo, e acrescentou:

"Eis os três seres que devolverão à Humanidade seu vigor primeiro; chamam-se a Fé, a Esperança e a Caridade. Virão em alguns anos e fundarão uma nova doutrina que os homens chamarão Espiritismo."

III

(Continuação)

Cada fase religiosa da Humanidade possuiu a força divina materializada pelas figuras de Sansão, de Hércules e de Rolando. Um homem, armando-se com os argumentos da lógica, nos diria: "Eu vos decifro; mas essa comparação me parece muito sutil e bem compassada." É verdade, talvez até o

presente não tenha vindo ao espírito de ninguém; e, entretanto, examinemos. Falei-vos ultimamente de Sansão, que é o emblema da força da fé divina em suas primeiras idades. A Bíblia é um poema oriental; Sansão é a figura material dessa força impetuosa que fez cair Heliodoro sobre o adro do templo e que reuniu as ondas do mar Vermelho, depois de tê-las separado. Essa grande força divina tinha abatido exércitos, derrubado os muros de Jerico. Os Gregos, vós o sabeis, vieram do Egito e do Oriente; essa tradição de Sansão não existia mais do que nos domínios do filosofia e da história egípcia. Os Gregos desbastaram os colossos de granito do Egito, armaram Hércules com uma clava e lhe deram a vida. Hércules fez seus doze trabalhos, Abateu a hidra de Lerna, a hidra dos sete pecados capitais, e tornou-se, nesse mundo pagão, o símbolo da força divina encarnado sobre a Terra: dele fizeram um deus. Mas notai quais foram os vencedores desses dois gigantes. É necessário sorrir? é preciso chorar? como disse Lamartine. Essas foram duas filhas de Eva: Dalila e Dejanira. Vede-o, a tradição de Sansão e de Hércules é a mesma que a de Dalila e de Dejanira. Somente Dalila havia mudado os arranjos de cabelo das filhas de Faraó pelo diadema de Vênus.

Pela tarde, no famoso vale de Roncevaux, um gigante, deitado numa ravina profunda, urrava o nome de Carlos Magno com gritos desesperados. Tinha a metade esmagada sob uma enorme rocha, que suas mãos desfalecentes tentavam em vão movimentar. Pobre Rolando! tua hora chegou; os Bascos te desafiam do alto do rochedo, e fazem ainda rolar, sobre ti,

pedras enormes. Entre os teus inimigos se encontram mulheres; Rolando, talvez, delas amara uma: sempre Dalila e Dejanira; A história não o disse, mas isso é muito provável. Sempre Rolando morreu como Sansão e Hércules. Discuti agora, se quiserdes; mas me parece, senhores, que essa aproximação não parecia tão sutil. Qual será, nas idades futuras, a personificação da força do Espiritismo? Quem viver, verá, diz-se sobre a Terra; aqui se diz: O homem viverá sempre.

LAMENNAIS, dezembro, 1861.

O Espiritismo é provado por milagres?

Dissertações de vários Espíritos sobre esta pergunta.

Um eclesiástico nos dirigiu a pergunta seguinte:

"Todos aqueles que tiveram missão de Deus de ensinar a verdade aos homens, provaram sua missão por milagres. Por quais milagres provais a verdade de vosso ensinamento?"

Lamennais

(Méd. Sr. A. Didier)

"Demonstrei, em uma de minhas últimas meditações, que se leu, creio, aqui, que a Humanidade, atualmente, está em progressão. Até o Cristo, a Humanidade bem que tinha um corpo; era certamente esplêndida; fizera mesmo heróicos esforços e sublimes virtudes; mas onde estava sua ternura, onde estava sua mansuetude? Haveria, na antigüidade, muitos exemplos a esse respeito. Abri um poema antigo: onde está a mansuetude; onde está a ternura? Já encontrareis a expansão no poema quase todo cristão da Dido de Virgílio, espécie de heroína melancólica que o Tasso ou Ariosto teria tornado interessante em seus cantos cheios de alegria cristã.

"O Cristo, pois, veio falar ao coração da Humanidade; mas sabeis, o próprio Cristo disse, ele veio encarnado no meio

do paganismo, e prometeu vir no meio do Cristianismo. Há no indivíduo a educação do coração, como há a da inteligência; do mesmo modo para a Humanidade. O Cristo, pois, é o grande educador. Sua ressurreição é o símbolo de sua fusão espiritual em todos, e essa fusão, essa expansão dele mesmo, começais apenas a senti-la. O Cristo não veio mais fazer milagres; veio falar diretamente ao coração, em lugar de falar aos sentidos. Com aqueles que lhe pediam um milagre no céu, ia além, e alguns mais longe, improvisou seu magnífico sermão da montanha. Ora, portanto, àqueles que pedem ainda milagres, o Cristo responde por todos os Espíritos sábios e esclarecidos: Credes, pois, mais em vossos olhos, em vossos ouvidos, em vossas mãos do que no vosso coração? Minhas feridas estão fechadas atualmente; o Cordeiro foi sacrificado; a carne foi arruinada; o materialismo a viu; agora é a vez do Espírito. Deixo os falsos profetas; não me apresento diante dos poderosos da Terra como Simão, o mago, mas vou àqueles que realmente têm sede, que realmente têm fome, àqueles que sofrem em seu coração, e não àqueles que não são espiritualistas senão como verdadeiros e puros materialistas."

LAMENNAIS, fevereiro, 1862.

Meditações filosóficas e religiosas, pelo Espírito de Lamennais

(Sociedade Espírita de Paris, méd. Sr. A. Didier)

A Cruz

No meio das revoluções humanas, no meio de todas as perturbações, de todos os desencadeamentos do pensamento, se eleva uma cruz, alta e simples, e essa cruz está fixada sobre um altar de pedra. Um jovem, esculpido na pedra, tendo em suas duas pequenas mãos uma bandeirola sobre a qual se lê esta palavra: Simplicitas. Filantropos, filósofos, deístas, poetas, vinde ler e contemplar essa palavra: é todo o Evangelho, toda a explicação do Cristianismo. Filantropos, não inventeis a filantropia: não há senão a caridade; filósofos, não inventeis uma sabedoria, delas não há senão uma; deístas, não inventeis um Deus, dele não há senão um; poetas, não perturbeis o coração do homem. Filantropos, quereis quebrar as cadeias materiais que retêm a Humanidade cativa; filósofos, levantais panteons; poetas, idealizais o fanatismo: para trás! Sois deste mundo, e o Cristo disse: "Meu reino não é deste mundo". Oh! Sois muito deste mundo de lama para compreender estas sublimes palavras; e se algum juiz bastante poderoso pudesse vos dizer: "Sois os filhos de Deus?" Vossa vontade morreria no fundo de vossa garganta, e não poderíeis responder como o Cristo em face da Humanidade: "Vós o dissestes." -Sois todos

deuses, disse o Cristo, quando a língua de fogo desce sobre as vossas cabeças e penetra o vosso coração; sois todos deuses quando percorreis a Terra em nome da caridade; mas sois os filhos do mundo quando contemplais as penas presentes da Humanidade, e não pensais em seu futuro divino. Homem! Que seja teu coração que leia esse nome e não os teus olhos de carne; Cristo não erigiu panteon; ele elevou uma cruz.

Bem-aventurados os pobres de espírito

As diferentes ações meritórias do Espírito depois da morte são, sobretudo, as do coração, mais do que as da inteligência. Bem-aventurados os pobres de espírito não quer dizer unicamente bem-aventurados os imbecis, mas bem-aventurados aqueles que, cheios dos dons da inteligência, deles não fazem uso para o mal, porque é uma arma muito poderosa para arrebatar as massas. Entretanto, como dizia Gérard de Nerval, recentemente (1-(1) Alusão a uma comunicação de Gérard de Nerval.), a inteligência desconhecida sobre a Terra será um grande mérito diante de Deus. Com efeito, o homem poderoso em inteligência, e lutando contra todas as circunstâncias infelizes que vêm assaltá-lo, deve se regozijar destas palavras: "Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros"; o que não deve se entender na ordem unicamente material, mas também para as manifestações do Espírito e das obras da inteligência humana. As qualidades do coração são meritórias, porque as circunstâncias que podem

impedi-las são bem pequenas, bem raras, bem fúteis. A caridade deve brilhar por toda a parte, apesar de tudo, para todos, como o Sol está para todo o mundo. O homem pode impedir a inteligência de seu próximo de se manifestar, mas nada pode sobre o coração. As lutas contra a adversidade, as angústias da dor, podem paralisar os impulsos do gênio, mas não podem parar os da caridade.

A Escravidão

A escravidão! Quando se pronuncia este nome, o coração tem frio, porque vê, diante de si, o egoísmo e o orgulho. Um padre, quando vos fala de escravidão entende essa escravidão da alma que rebaixa o Espírito do homem e o faz esquecer a sua consciência, quer dizer, a sua liberdade. Oh! Sim, essa escravidão da alma é horrível e excita cada dia a eloquência de mais de um pregador; mas a escravidão do ilota, a escravidão do negro, que se torna aos seus olhos? Diante desta pergunta o padre mostra a cruz e diz: "Esperai." Com efeito, para os infelizes é a consolação a lhe oferecer e ela lhes diz: "Quando vosso corpo for despedaçado sob o chicote, e que morrerdes labutando, não sonheis mais com a Terra; sonhai com o céu."

Aqui tocamos em uma dessas questões sérias e terríveis que transtornam a alma humana e a lançam na incerteza. O negro está à altura dos povos da Europa, e a prudência humana, ou antes, a justiça humana deve lhe mostrara antecipação como

o meio mais seguro de alcançar o progresso da civilização? Os filantropos, nessa questão, mostram o Evangelho e dizem: Jesus falou de escravos? Não; mas Jesus falou da resignação e disse esta palavra sublime: "Meu reino não é deste mundo." John Brown, quando contemplo vosso cadáver no patíbulo, sinto-me tomado de uma piedade profunda e de uma admiração entusiasta; mas a razão, esta brutal razão que nos reconduz, sem cessar, ao por quê, nos faz dizer em nós mesmo: "Que teríeis feito depois da vitória?".

LAMENNAIS, fevereiro, 1862.

A Caridade para com os Criminosos

Problema Moral

"Um homem está em perigo de morte; para salvá-lo é preciso expor a sua própria vida; mas sabe-se que esse homem é um malfeitor, e que, se dele escapar, poderá cometer novos crimes. Apesar disso, deve-se expor para salvá-lo?

"A resposta seguinte foi obtida na Sociedade Espírita de Paris, a 7 de fevereiro de 1862, médium Sr. A. Didier:

Esta é uma questão muito grave e que pode se apresentar naturalmente ao espírito. Responderei segundo meu adiantamento moral, uma vez que a isso estamos sujeitos, que se deve expor a sua própria vida por um malfeitor. O devotamento é cego: socorre-se um inimigo, deve-se, pois, socorrer mesmo o inimigo da sociedade, um malfeitor, em uma palavra. Credes, pois, que é somente à morte que se deve arrancar esse infeliz? Talvez, é à sua vida passada inteira. Porque, pensai nisso, nesses rápidos instantes que lhe arrebatam os últimos minutos da vida, o homem perdido retorna sobre sua vida passada, ou antes, ele se levanta diante dela. A morte, talvez, chegue muito cedo para ele; a reencarnação será, talvez, terrível; atirai-vos, pois, homens! vós que a ciência espírita esclareceu, atirai-vos, arrancai-o de sua condenação, e então, talvez, esse homem que estaria morto vos blasfemando, se lançará em vossos braços. No entanto, não é preciso vos perguntar se o fará ou se não o fará,

mas vos atirar, porque, salvando-o, obedeceis a esta voz do coração que vos diz: "Tu podes salvá-lo, salva-o!"

LAMENNAIS, março, 1862.

Dissertações Espíritas

Os Mártires do Espiritismo

A propósito da questão dos milagres do Espiritismo que nos foi proposta, e que tratamos no nosso último número, igualmente se propõe esta: "Os mártires selaram com o seu sangue a verdade do Cristianismo; onde estão os mártires do Espiritismo?"

III

Em todos os tempos, como dissestes, as crenças tiveram mártires; mas também, é preciso dizer-lo, o fanatismo estava, freqüentemente, dos dois lados, e então, quase sempre, o sangue corria. Hoje, graças aos moderadores das paixões, aos filósofos, ou antes, graças a essa filosofia que começou para os escritores do século dezoito, o fanatismo extinguiu a sua chama, e colocou seu gládio na bainha. Não se imagina mais, em nossa época, a cimitarra de Maomé, o cadafalso e a roda da Idade Média, suas fogueiras e suas torturas de todas as espécies, não mais do que não se imaginam os feiticeiros e os mágicos. Outro tempo, outro costume, diz um provérbio muito sábio. A palavra costume está aqui muito ampla, como o vedes, e significa, segundo a sua etimologia latina: hábitos, maneiras de viver. Ora, no nosso século, nossa maneira de ser não é de revestir um cilício, de ir nas catacumbas, nem de subtrair suas preces aos procônules e

aos magistrados da cidade de Paris. O Espiritismo não verá, pois, o machado se levantar e a chama devorar os seus adeptos. Será batido a golpes de idéias, a golpes de livros, a golpes de comentários, a golpes de ecletismo e a golpes de teologia, mas a São Bartolomeu não se renovará. Certamente, poderá haver deles algumas vítimas nas nações grosseiras, mas nos centros civilizados só a idéia será combatida e ridicularizada. Assim, pois, nada de machados, de feixes, de azeite fervente, mas ficai em guarda com o espírito voltaireano mal entendido: eis o carrasco. E preciso preveni-lo, aquele, mas não temê-lo; ele ri em lugar de ameaçar; lança ao ridículo em lugar da blasfêmia, e seus suplícios são as torturas do Espírito sucumbindo sob os apertos do sarcasmo moderno. Mas não em ofensa aos pequenos Voltaires de nossa época, a juventude compreenderá facilmente as três palavras mágicas: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Quanto aos sectários, estes são mais a temer, porque são sempre os mesmos, apesar de tudo; aqueles podem fazer o mal algumas vezes, mas são coxos, contrafeitos, velhos e rabugentos; ora, vós que passais na fonte de Juventude, e cuja alma reverdece e rejuvenesce, não os temais, pois, porque seu fanatismo os perderá a si mesmos.

LAMENNAIS, abril, 1862.

O Padeiro Desumano - Suicídio

Uma correspondência de Crefled (Prússia Rhenana), de 25 de janeiro de 1862, e inserto no Constitutionnel de 4 de fevereiro, contém o fato seguinte:

"Uma pobre viúva, mãe de três filhos, entra na padaria e pede, insistentemente, dar-lhe crédito de um pão. Ó padeiro recusa. A viúva reduziu seu pedido a meio pão, e por fim, a um pedaço de pão, somente para seus filhos famintos. O padeiro ainda recusa, deixa o lugar e entra atrás da padaria; a mulher, crendo não ser vista, se apodera de um pão e se vai dali. Mas o furto, imediatamente descoberto, é denunciado à polícia".

Um agente vai à casa da viúva e a surpreende quando cortava pedaços de pão para seus filhos. Ela não nega o furto, mas se escusa sobre a necessidade. O agente da polícia, censurando a dureza do padeiro, insiste para que ela o siga ao escritório do comissário.

"A viúva pede somente alguns instantes para mudar de roupa. Ela entra no quarto de dormir, mas ali permanece por tanto tempo para que o agente, perdendo a paciência, se decida a abrir a porta: a infeliz estava por terra inundada de sangue. Com a mesma faca que acabara de cortar o pão para seus filhos ela havia posto fim aos seus dias."

Esta notícia, tendo sido lida na sessão da Sociedade, de 14 de fevereiro de 1862, foi proposta fazer a evocação dessa infeliz mulher, quando ela mesma veio se manifestar, espontaneamente, pela comunicação simples. Ocorre, freqüentemente, que Espíritos que estão em questão se revelem desta maneira; é incontestável que são atraídos pelo pensamento, que é uma espécie de evocação tácita. Sabem que se ocupa deles, e vêm; se comunicam, então, se a ocasião lhes parece oportuna, ou se encontram um médium de sua conveniência. Compreender-se-á, segundo isso, que não é necessário nem ter um médium, nem mesmo ser Espírita para atrair os Espíritos com os quais alguém se preocupa.

"Deus foi bom para a pobre desviada, e vem vos agradecer pela simpatia que consentistes me testemunhar. Pois bem! diante da miséria de meus pobres e pequenos filhos, me esqueci e falhei. Então me disse: Uma vez que és impotente para alimentar teus filhos e que o padeiro recusa o pão àqueles que não podem pagá-lo; uma vez que não tem nem dinheiro, nem trabalho, morra! Porque quando não estiverdes mais ali virão em sua ajuda. Com efeito, hoje a caridade pública adotou esses pobres órfãos. Deus nos perdoou, porque viu minha razão vacilar e meu desespero horrível. Fui a vítima inocente de uma sociedade mal, muito mal regulada. Ah! agradecei a Deus por vos ter feito nascer neste belo país da França, onde a caridade vai procurar e aliviar todas as misérias.

"Orai por mim, a fim de que possa logo reparar a falta que cometi, não por covardia, mas por amor maternal. Quanto vossos Espíritos protetores são bons! Eles me consolam, me fortalecem, me encorajam, dizendo que o meu sacrifício não foi desagradável ao grande Espírito, e que, sob o olhar e a mão de Deus, preside aos destinos humanos."

A Pobre Mary

(Méd. Sr d'Ambel)

Em seguida a esta comunicação, o Espírito de Lamennais dá a apreciação seguinte sobre o fato em questão:

"Esta infeliz mulher é uma das vítimas de vosso mundo, de vossas leis e de vossa sociedade. Deus julga as almas, mas também julga os tempos e as circunstâncias: julga as coisas forçadas e o desespero; julga o fundo e não a forma; e ousou afirmá-lo, esta infeliz morreu não por crime mas por pudor, por medo da vergonha; é que ali onde a justiça humana é inexorável, julga e condena os fatos materiais, a justiça divina constata o fundo do coração e o estado da consciência. Seria a desejar que se desenvolvesse, entre certas naturezas privilegiadas, um dom que seria muito útil, não para os tribunais, mas para o adiantamento de algumas pessoas: esse dom é uma espécie de sonambulismo do pensamento que descobre, muito freqüentemente, coisas ocultas, mas que o homem, habituado à corrente da vida, negligencia e atenua por sua falta de fé. É certo

que um médium desse gênero, examinando esta pobre mulher, teria dito: Esta mulher é bendita de Deus por que ela é infeliz, e esse homem é maldito por que ele recusou o pão. O Deus! quando, pois, todos os dons serão reconhecidos e colocados em prática? Aos olhos da justiça aquele que recusou o pão será punido, porque o Cristo disse: Aquele que dá o pão ao seu próximo, a mim mesmo o dá."

LAMENNAIS, maio, 1862.

Sobre o quadro do Sr, Ingres

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de maio de 1862. - Médiun,
Sr.A. Didier)

Falei-vos, recentemente, de Jesus menino no meio dos doutores, e fazia ressaltar sua iluminação divina no meio das sábias trevas dos sacerdotes judeus. Temos um exemplo a mais de que a espiritualidade e os movimentos da alma constituem a fase mais brilhante na arte. Sem conhecer a Sociedade Espírita, pode-se ser um grande artista espiritualista, e Ingres nos mostra, em sua nova obra, o estudo do artista, mas também sua inspiração mais pura e a mais ideal; não esse falso ideal, que engana tanta gente e que é uma hipocrisia da arte sem originalidade, mas o ideal haurido na natureza simples, verdadeira e, conseqüentemente, bela em toda a acepção da palavra. Nós outros, Espíritos, aplaudimos as obras espiritualistas tanto quanto censuramos a glorificação dos sentimentos materiais e do mau gosto. É uma virtude sentir a beleza moral e a beleza física nesse ponto; é a marca certa de sentimentos harmoniosos no coração e na alma, e quando o sentimento do belo está desenvolvido nesse ponto, é raro que o sentimento moral não o esteja também. É um grande exemplo o desse velho de oitenta anos, que representa, no meio da sociedade corrompida, o triunfo do Espiritualismo, com o gênio sempre jovem e sempre puro da fé.

LAMENNAIS, junho, 1862.

César, Clóvis e Charlemagne

(Sociedade Espírita de Paris. 24 de janeiro de 1862: assunto proposto. - Médium. Sr. A. Didier)

Esta questão não é somente uma questão material, mas também muito espiritualista. Antes de abordar o ponto principal, há um do qual falaremos em primeiro lugar. O que é a guerra? A guerra, respondemos de início, é permitida por Deus, uma vez que ela existe, que sempre existiu e existirá sempre. Tem-se errado, na educação da inteligência, de não ver em César senão um conquistador, em Clóvis senão o homem bárbaro, em Charlemagne senão um déspota, cujo sonho insensato queria fundar um império imenso. Ah! meu Deus! como se diz geralmente, os conquistadores são, eles mesmos, os joguetes de Deus. Como sua audácia, seu gênio os faz chegar à primeira posição, viram ao seu redor não só homens armados, mas das idéias, do progresso, da civilização que era preciso levar às outras nações; partiram, como César, para levar Roma a Lutécia; como Clóvis, para levar os germes de uma solidariedade monárquica; como Charlemagne, para fazer raiar o facho do Cristianismo entre os povos cegos, entre as nações já corrompidas pelas heresias das primeiras idades da Igreja. Ora, eis o que ocorreu: César, o mais egoísta destes três grandes gênios, fez servir a tática militar, a disciplina, a lei, em uma palavra, para serem úteis nas Gaules, em seguida de suas armas, a idéia imortal seguia, e os povos vencidos e indomáveis sofriam o jugo de Roma, é verdade, mas se tornavam províncias

romanas. A orgulhosa Marselha teria existido sem Roma? Lugdunum e tantas outras cidades célebres nos anais tornaram-se centros imensos, focos de luz para as ciências, as letras e as artes. César foi, pois, um grande propagador, um desses homens universais que se servem do homem para civilizar o homem, um desses homens que sacrificam os homens em proveito da idéia.

O sonho de Clóvis foi o de estabelecer uma monarquia, bases, regra para seu povo; mas como a graça do Cristianismo não o esclarecera ainda, foi propagador bárbaro. Devemos considerá-lo em sua conversão: Imaginação ativa, fervorosa, belicosa, viu em sua vitória sobre os Visigodos uma prova da proteção de Deus; e, doravante seguro de estar sempre com ele, se fez batizar. Eis, pois, o batismo que se propaga nas Gaules, e o Cristianismo que se difunde mais e mais. É o momento de dizer com Cornélio, Roma não era mais Roma. Os bárbaros invadiram o mundo romano.

Depois do saque de todas civilizações esboçadas pelos Romanos, eis que um homem sonha em derramar sobre o mundo, não mais os mistérios e o prestígio do Capitólio, mas as formidáveis crenças de Aix-la-Chapelle; eis um homem que está ou se crê com Deus. Um culto odioso, rival do Cristianismo, ocupa ainda os bárbaros; Charlemagne cai sobre esses povos, e Witikind, depois de lutas e de vitórias balanceadas, se submete, enfim, humildemente e recebe o batismo.

Certamente, eis um imenso quadro que é aquele onde se desenrolam tantos fatos, tantos golpes da Providência, tantas quedas e tantas vitórias; mas qual é disso a conclusão? A idéia, se universalizando, se propagando cada vez mais, não se detendo nem nos desmembramentos das famílias, nem nos desencorajamentos dos povos, e tendo por objetivo, por toda parte, a implantação da cruz do Cristo sobre todos os pontos da Terra, não está aí um fato espiritualista imenso? É preciso, pois, olhar esses três homens como grandes propagadores que, por ambição ou por crença, avançaram a luz no Ocidente, quando o Oriente sucumbia em sua sedutora preguiça e em sua inatividade. Ora, a Terra não é um mundo onde o progresso se faz depressa, e pelos caminhos da persuasão e da mansuetude; não vos espanteis, pois, que seja preciso, freqüentemente, tomar a espada em lugar da cruz.

LAMENNAIS, julho, 1862.

O Perdão

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, Sr. A. Didier)

Como se pode, pois, encontrar em si a força de perdoar? A sublimidade do perdão é a morte do Cristo sobre o Gólgota! Ora, eu já vos disse que o Cristo havia resumido em sua vida todas as angústias e todas as lutas humanas. Todos aqueles que mereceram o nome de cristãos antes de Jesus Cristo morreram com o perdão sobre os lábios: os defensores das liberdades oprimidas, os mártires das verdades e das grandes causas compreenderam de tal modo a importância e a sublimidade de sua vida, que não faliram no último momento, e perdoaram. Se o perdão de Augusto não é completamente e historicamente sublime, o Augusto de Corneille, o grande trágico, é senhor de si como do universo, porque perdoa. Ah! quanto são mesquinhos e miseráveis aqueles que possuem o mundo e não perdoavam! Quanto é grande, aquele que tem no futuro dos séculos todas as humanidades espirituais, e que perdoa! O perdão é uma inspiração, freqüentemente um conselho dos Espíritos. Infelizes aqueles que fecham seus corações a essa voz: serão punidos, como dizem as Escrituras, porque tinham ouvidos e não escutaram. Pois bem! se quereis perdoar, se vos sentis fracos diante de vós mesmos, contemplai a morte do Cristo. Quem conhece a si mesmo triunfa facilmente de si mesmo. Eis porque o grande princípio da sabedoria antiga era, antes de tudo, conhecer-se a si mesmo. Antes de se lançar na luta, ensinavam-se aos atletas, para os jogos, para as lutas grandiosas, os meios

seguros de vencer. Ao lado, nos liceus, Sócrates ensinava que havia um Ser supremo, e, algum tempo depois, séculos antes de Cristo, ensinava a toda a nação grega a morrer e a perdoar. O homem vicioso, baixo e fraco, não perdoa; o homem habituado às lutas pessoais, às reflexões justas e sadias, perdoa facilmente.

LAMENNAIS, agosto, 1862.

A Razão e o Sobrenatural

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, Sr. A. Didier)

O homem é limitado em sua inteligência e em suas sensações. Ele não pode compreender além de certos limites, e pronuncia então esta palavra sacramental e que põe fim a tudo: Sobrenatural.

A palavra sobrenatural, na ciência nova que estudais, é uma palavra de convenção; ela existe para nada exprimir. Com efeito, que quer dizer essa palavra? Fora da Natureza; além daquilo que nos é conhecido. O que de mais insensato, de mais absurdo do que aplicar essa palavra a tudo o que está fora de nós! Para o homem que pensa, a palavra sobrenatural não é definitiva; ela é vaga, faz pressentir. Conhece-se a frase banal do incrédulo por ignorância: "É sobrenatural. Ora, a razão, etc., etc." O que é a razão? Pois bem! Quando a Natureza, se ampliando e agindo como rainha, nos mostra os tesouros desconhecidos, a razão torna-se, pois, nesse sentido insensata e absurda, uma vez que ela persiste malgrado os fatos. Ora, se é o fato, é que a Natureza o permite. A Natureza tem para nós algumas manifestações sublimes, sem dúvida, mas que são muito restritas, entrando-se no domínio do desconhecido. Ah! quereis folhear a Natureza; quereis conhecer a causa das coisas, causa rerum, e credes que não é preciso colocar a vossa razão banal de lado? Mas pilheriais, senhores. O que é a razão humana, senão a maneira de pensar de vosso mundo? Correi de

planeta em planeta, e credes que a razão deve ali vos acompanhar? Não, senhores: a única razão que deveis crer no meio de todos esses fenômenos, é o sangue-frio e a observação nesse ponto de vista, e não no ponto de vista da incredulidade.

Ultimamente tocamos em questões bem sérias, vós vos lembrais; mas, no meio daquilo que dizíamos, não concluimos que todo mal vem dos homens; depois de muitas lutas, depois de muitas discussões, vêm também os bons pensamentos, uma fé nova e esperanças novas. O Espiritismo, como vos disse ultimamente, é a luz que deve clarear doravante toda inteligência que tende ao progresso. A prece será o único dogma e a única prática do Espiritismo, quer dizer, a harmonia e a simplicidade; a arte será nova, porque será fecundada por idéias novas. Pensai que toda obra inspirada por uma idéia filosófica religiosa é sempre uma manifestação poderosa e sadia; o Cristo será sempre a Humanidade, mas isso não será mais a Humanidade sofredora: será a Humanidade triunfante.

LAMENNAIS, outubro, 1862.

Perguntas e Problemas

Os Espíritos Incrédulos e Materialistas
(Sociedade Espírita de Paris, 27 de março de 1863)

Pergunta. - Compreende-se a incredulidade em certos Espíritos, mas não se compreende o materialismo, uma vez que seu estado é um protesto contra o reino absoluto da matéria e o nada após a morte.

Resposta (médium, Sr. d'Ambel). - Uma palavra somente: todos os corpos sólidos ou fluídicos pertencem à substância material; isto está bem demonstrado. Ora, aqueles que, durante sua vida, não admitiam senão um princípio na Natureza, a matéria, não percebem, freqüentemente, ainda depois da sua morte senão esse princípio único, e absoluto. Se refletísseis nos pensamentos que os dominaram toda a sua vida, os encontrareis certamente, ainda hoje, sob a inteira subjugação desses mesmos pensamentos. Outrora se consideravam como corpos sólidos; hoje se consideram como corpos fluídicos, eis tudo. Notai bem, eu vos peço, que se percebem sob uma forma nitidamente circunscrita, toda vaporosa que ela seja, e idêntica à que tinham sobre a Terra no estado sólido ou humano. De tal sorte que não vêem, em seu novo estado, senão uma transformação de seu ser na qual não tinham pensado; mas ficam convencidos de que é uma progressão para o fim ao qual chegarão quando estiverem suficientemente libertos, para se apagarem no grande todo universal. Não há nada de tão renitente

do que um sábio, e eles persistem em pensar que esse fim, por ser retardado, por isso não é menos inevitável.

Uma das condições de sua cegueira moral é de encerrá-los mais violentamente nos laços da materialidade e, conseqüentemente, de impedi-los de se afastarem das regiões terrestres ou similares à Terra; e do mesmo modo que a grande maioria dos encarnados, aprisionados na carne, não podem perceber as formas vaporosas dos Espíritos que o cercam, do mesmo modo a opacidade do envoltório dos materialistas lhes interdita contemplar as entidades espirituais que se movem tão belas e tão riosas, nas altas esferas do império celeste.

ERASTO², março, 1863.

Outra (médiun, Sr. A. Didier) - A dúvida é a causa das penas e, muito freqüentemente, das faltas desse mundo; o conhecimento, ao contrário, do Espiritismo, motivam as penas e as faltas dos Espíritos.

Onde estaria o castigo se os Espíritos não conhecessem seus erros pela conseqüência que é a realidade penitenciária da outra vida? Onde estaria seu castigo se seu coração e sua alma não sentissem todo o erro do ceticismo terrestre e o nada da matéria? O Espírito vê o Espírito como a carne vê a carne; o erro do Espírito não é o erro da carne e o homem materialista que duvidou neste mundo, não duvida mais do outro lado.

² Erasto está incluso neste trabalho para que se possa fundamentar o pensamento de Lamennais compilado da Revista Espírita.

O suplício dos materialistas é lamentar as alegrias e as satisfações terrestres, eles que não podem ainda nem compreender nem sentir as alegrias e as perfeições da alma; e vede o abaixamento moral desses Espíritos que vivem completamente na esterilidade moral e física, de lamentar esses bens que fizeram momentaneamente a sua alegria e que fazem atualmente o seu suplício.

Agora, é verdade que sem ser materialista pela satisfação de suas paixões terrestres, pode-se sê-lo mais nas idéias e no espírito do que nos atos da vida. É o que se chama de livres pensadores e aqueles que não ousam aprofundar as causas de sua existência. Aqueles, no outro mundo, serão punidos do mesmo modo; nadam na verdade, mas não são por ela penetrados; seu orgulho rebaixado fá-los sofrer, e lamentam esses dias terrestres onde, pelo menos, tinham a liberdade de duvidar.

LAMENNAIS, março, 1863.

Nota³. - Esta apreciação parece, à primeira vista, em contradição com a de Erasto; este admite que certos Espíritos podem conservar as idéias materialistas, ao passo que Lamennais pensa que essas idéias não são senão o lamento dos gozos materiais, mas esses Espíritos estão perfeitamente esclarecidos sobre seu estado espiritual. Os fatos parecem vir em apoio da opinião de Erasto; uma vez que vemos Espíritos que,

³ A nota é de Kardec.

muito tempo mesmo depois de sua morte, se crêem ainda vivos, vagam ou crêem ocuparem-se de suas ocupações terrestres, é, pois, que se iludem completamente sobre a sua posição e não se dão nenhuma conta de seu estado espiritual. Desde então, que não crêem estar mortos, não haveria nada de espantoso em que tivessem conservado a idéia do nada depois da morte que, para eles, ainda não chegou. Sem dúvida, foi nesse sentido que Erasto quis falar.

Resposta. - Têm eles, evidentemente a idéia do nada, mas isso não é senão um assunto de tempo. Chega um momento onde, do outro lado o véu se rasga, e onde as idéias materialistas são inaceitáveis. A resposta de Erasto dirige-se sobre fatos particulares e momentâneos; não falei, eu, senão dos fatos gerais e definitivos.

LAMENNAIS, março, 1863.

Nota⁴. - A diferença não era senão aparente e não provinha senão do ponto de vista sob o qual cada um encarava a questão. É muito evidente que um Espírito não pode ficar perpetuamente materialista; perguntava-se simplesmente se essa idéia era necessariamente destruída logo depois da morte; ora, os dois Espíritos estão de acordo sobre esse ponto, e se pronunciam pela negativa. Acrescentamos que a persistência da dúvida sobre o futuro é um castigo para o Espírito incrédulo; é

⁴ A nota é de Kardec

para ele uma tortura tanto mais pungente quanto não tem as preocupações terrestres para delas fazer diversão.

Dissertações Espíritas

Bem-aventurados os que têm os olhos fechados
(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863. - Médium,
Sr. Vézy)

As épocas de transição na Humanidade

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863. - Médium,
Sr. Alfred Didier)

Os séculos de transição na história da Humanidade se assemelham a vastas planícies semeadas de monumentos misturados confusamente sem harmonia, e a harmonia mais pura, a mais justa, existe no detalhe e não no conjunto. Os séculos abandonados pela fé, pela esperança, são sombrias páginas em que a Humanidade, trabalhada pela dúvida, se mina surdamente nas civilizações aperfeiçoadas, para chegar a uma reação que, o mais freqüentemente, as levaria, para substituí-las por outras civilizações. Os pesquisadores do pensamento, mais do que os sábios, aprofundam na nossa época, no ecletismo racional, esses misteriosos encadeamentos da história, essas trevas, essa uniformidade lançada como nevoeiros e nuvens espessas sobre civilizações há pouco vivazes e férteis. Estranho destino dos povos! É quase no nascimento do Cristianismo, é nas mais opulentas cidades, sedes dos maiores bispados do Oriente e do Ocidente, que os estragos da decadência começam; é no próprio meio da civilização, do

esplendor inteligente das artes, das ciências, da literatura e dos ensinamentos sublimes do Cristo, que começa a confusão das idéias, as dissensões religiosas; é no próprio berço da Igreja romana, orgulhosa e soberba do sangue dos mártires, que a heresia, gerada pelos dogmas supersticiosos e as hierarquias eclesiásticas, se insinua como uma serpente iminente para morder no coração a Humanidade e lhe infiltrar nas veias, no meio de desordens políticas e sociais, o mais terrível e o mais profundo de todos os flagelos: a dúvida. Esta vez a queda é imensa, a apatia religiosa dos padres, unida aos fanáticos heresiarcas, tira toda a força à política, todo amor ao país, e a Igreja do Cristo se torna humana, mas não mais humanitária. É inútil aqui, creio, apoiar sobre as relações assustadoras dessa época com a nossa; vivendo ao mesmo tempo com as tradições do Cristianismo e com a esperança do futuro, os mesmos abalos sacodem nossa velha civilização, as mesmas idéias são partilhadas, e a mesma dúvida atormenta a Humanidade, sinais precursores da renovação social e moral que se prepara. Ah! orai, Espíritos, vossa época atormentada e blasfematória e uma rude época, que os Espíritos vêm instruir e encorajar.

LAMENNAIS, junho, 1863.

Dissertações Espíritas

O Purgatório

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863. - Médiun, Sr. Alfred Didier)

A religião católica nos mostra o purgatório como um lugar onde a alma, sofrendo terríveis expiações, alivia suas faltas e reivindica pouco a pouco, pela dor, seus direitos ao sol da vida eterna. Imagem esplêndida! a mais verdadeira, a mais perfeita da grande trindade dogmática do inferno, do purgatório e do paraíso. Apesar de suas severidades desesperadora, a Igreja compreendeu que lhe faltava um meio entre a condenação eterna e a felicidade eterna. Confundiu, no entanto, nessa estranha reunião, o tempo infinito e progressivo, que não é senão um, com três situações limitadas e incompreensíveis. À religião, ou antes, ao ensinamento todo humanitário e todo progressivo do Cristo, o Espiritismo acrescenta os meios de realizar essa ideal humanidade. Nesses desvios filosóficos de nossa época, há mais de um germe espírita; e tal filósofo cético que não aconselha para a felicidade definitiva da Humanidade senão o distanciamento e a destruição de toda crença humana e divina, trabalha mais do que se não crê para a tendência universal do Espiritismo. Somente é um caminho onde o céu parece pouco, onde a existência futura quase não aparece, mas onde pelo menos a tranqüilidade material, e por assim dizer, egoísta desta

vida é compreendida com a evidência do legislador, e, senão do santo, pelo menos de um filantropo humanitário.

Ora, tratava-se de saber se, em estado latente, por assim dizer, da vida extracorpórea, e que se poderia chamar intra-vital, tratava-se de saber se, com a medida de conhecimentos e de sagacidade clarividente que os Espíritos superiores possuem, o progresso universal é tão eficaz quanto o progresso terrestre. Essa questão fundamental para o Espiritismo é até o presente insuficiente por respostas de detalhe; isso não é mais somente, como disse a Igreja, um lugar de expiações, é uma sede universal onde justamente as almas que ali circulam, temem com angústia ou aceitam com esperança, as existências que se revelam a elas. Lá está, na nossa opinião, somente o começo do que se chama o purgatório; e a erraticidade, essa fase importante da vida da alma, não nos parece de nenhum modo explicada, nem mesmo mencionada pelos dogmas católicos.

LAMENNAIS, setembro, 1863.

Dissertações Espíritas

Longevidade dos patriarcas

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862. - Médiun, Sr. A. Didier)

Que vos importa a idade dos patriarcas em geral, e a de Matusalém em particular! A Natureza, sabeis-o bem, pois, jamais teve contra-sensos e irregularidades; e se a máquina humana algumas vezes variou, ela jamais empurrou por tão longo tempo a destruição material: a morte. A Bíblia, como já vos disse, é um magnífico poema oriental onde as paixões humanas são divinizadas, como as paixões que idealizavam os Gregos, as grandes colônias da Ásia Menor. Tem-se o erro de casar a concisão com a ênfase, a evidência com a difusão, a frieza do raciocínio e da lógica moderna com a exaltação oriental. Os querubins da Bíblia tinham seis asas, vós o sabeis: quase monstros! O Deus dos Judeus banhava-se no sangue; vós o sabeis, e quereis que vossos anjos sejam os mesmos anjos, e que vosso Deus, soberanamente bom e soberanamente justo, seja o mesmo Deus? Não alieis, pois, vossa análise poética moderna com a poesia mentirosa dos antigos Judeus ou pagãos.

A idade dos patriarcas é uma figura moral, e não uma realidade; a autoridade, a lembrança desses grandes nomes, desses verdadeiros pastores de povos, enriquecidos de mistérios e de lendas, que se fazia irradiar ao redor deles, existiam entre

esses nômades supersticiosos e idolatras da lembrança. É provável que Matusalém viveu muito tempo no coração de seus descendentes. Notai que na poesia oriental toda idéia moral é incorporada, encarnada, revestida de uma forma brilhante, irradiante, esplêndida, contrariamente à poesia moderna que desencarna, que rompe o involtório para deixar escapar a idéia até o céu. A poesia moderna é expressa não só pelo brilho e a cor da imagem, mas também pelo desenho firme e correto da lógica, pela idéia, em uma palavra. Como quereis aliar esses dois grandes princípios tão contrários? Quando ledes a Bíblia aos raios do Oriente, no meio das imagens douradas, nos horizontes intermináveis e difusos dos desertos, das estepes, fazeis, pois, correr a eletricidade que atravessa todos os abismos, todas as trevas; quer dizer, servi-vos de vossa razão, e julgai sempre a diferença dos tempos, das formas e das compreensões.

LAMENNAIS, outubro, 1863.

Instruções dos Espíritos

Sobre a alimentação do homem

(Sociedade de Paris, 4 de julho de 1862. - Médium, Sr. A. Didier)

O sacrifício da carne foi severamente condenado pelos grandes filósofos da antigüidade. O Espírito elevado se revolta à idéia do sangue, e sobretudo à idéia de que o sangue é agradável à Divindade. E notai bem que não é aqui, de nenhum modo, a questão dos sacrifícios humanos, mas unicamente dos animais oferecidos em holocausto. Quando o Cristo veio anunciar a Boa Nova, não ordenou o sacrifício do sangue: ocupou-se unicamente do Espírito. Os grandes sábios da antigüidade tinham igualmente horror dessas espécies de sacrifícios, e eles mesmos não se alimentavam senão de frutas e de raízes. Sobre a Terra, os encarnados têm uma missão a cumprir; têm o Espírito que é necessário nutrir com o Espírito, o corpo com a matéria; mas a natureza da matéria influi, se o concebe facilmente, sobre a espessura do corpo, e, por conseguinte, sobre a manifestação do Espírito. Os temperamentos naturalmente bastante fortes para viverem como os ana-coretas fazem bem, porque o esquecimento da carne conduz mais facilmente à meditação e à prece. Mas para viver assim, seria preciso geralmente uma natureza mais espiritualizada do que a vossa, o que é impossível com as condições terrestres; e como, antes de tudo, a natureza

jamais faz algo de insensato, é impossível, para o homem, submeter-se impunemente a essas privações. Pode-se ser bom cristão e bom Espírita e comer à sua maneira, contanto que seja um homem razoável. É uma questão um pouco leviana para nossos estudos, mas que não é menos útil e aproveitável.

LAMENNAIS, dezembro, 1863.

Instruções dos Espíritos

O Castigo pela Luz

(Médium, Sr. A. Didier)

Há provas sem expiação, do mesmo modo que há expiações sem provas. Os Espíritos, evidentemente, na erraticidade, estão, do ponto de vista das existências, inativos e na espera; mas, no entanto, podem expiar, contanto que seu orgulho, a tenacidade formidável e teimosa de seus erros não os retenham, no momento de sua ascensão progressiva. Disso temos um exemplo terrível nas últimas comunicações relativamente ao criminoso que se debate contra a justiça divina que o constrange junto à dos homens. Então, nesse caso, a expiação, ou antes o sofrimento fatal que o oprime, em lugar de aproveitar-lhe e de lhe fazer sentir a profunda significação de suas penas, os exalta na revolta, e lhe faz produzir essas murmurações que as Escrituras, em sua poética eloqüente, chama ranger de dentes; imagem por excelência! sinal do sofrimento abatido, mas insubmisso! perdido na dor, mas da qual a revolta é ainda muito grande para recusar a reconhecer a verdade da pena e a verdade da recompensa!

Os grandes erros, freqüentemente, continuam, e mesmo quase sempre, no mundo dos Espíritos. Do mesmo modo as grandes consciências criminosas. Ser ele apesar de tudo e se exhibir diante do infinito, parece-se a essa cegueira do homem

que contempla as estrelas e as toma pelos arabescos de um teto, tal como o acreditavam os Gauleses do tempo de Alexandre.

Há o infinito moral! Miserável é aquele, ínfimo é aquele que, sob o pretexto de continuar as lutas e as fanfarrices abjetas da Terra, nela não vê mais longe no outro mundo do que neste mundo! Àquele a cegueira, o desprezo dos outros, a egoísta e mesquinha personalidade e a parada do progresso! Não é muito verdadeiro, ó homens, que há um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro deixado sobre a Terra, e a imortalidade que realmente guardam os Espíritos em suas provas sucessivas.

LAMENNAIS, julho, 1864.

Nota⁵. - Para compreender o sentido desta frase: "Há provas sem expiação, e expiações sem prova", é preciso entender por expiação o sofrimento que purifica e lava as manchas do passado; depois da expiação, o Espírito está reabilitado. O pensamento de Lamennais é este: Segundo as vicissitudes da vida sejam ou não acompanhadas de arrependimento das faltas que as ocasionaram, do desejo de torná-las aproveitáveis para sua própria melhoria, há ou não expiação, quer dizer, reabilitação. Assim, os maiores sofrimentos podem ser sem proveito para aquele que os suporta, se não o tornam melhor, se não o elevam acima da matéria, se ele não vê a mão de Deus, enfim, se não lhe fazem dar um passo

⁵ Nota de Kardec.

adiante, porque isso será, para ele, recomeçar em condições ainda mais penosas. Deste ponto de vista, ocorre o mesmo com as penas suportadas depois da morte; o Espírito endurecido as sofre, sem ser tocado pelo arrependimento; é porque ele pode prolongá-los indefinidamente por sua própria vontade; é castigado, mas não repara.

Perguntas e Problemas

Cura Moral dos Encarnados

Vêm-se, freqüentemente, Espíritos de má natureza cederem, muito prontamente, sob a influência da moralização e se melhorarem. Pode-se agir do mesmo modo sobre os encarnados, mas com muito mais dificuldade. De onde vem que a educação moral dos Espíritos desencarnados é mais fácil do que a dos encarnados?

Esta pergunta foi motivada pelo fato seguinte. Um jovem cego há doze anos tinha sido recolhido por um Espírita devotado, que havia empreendido curá-lo pelo magnetismo, tendo os Espíritos dito que a coisa era possível. Mas esse jovem, em lugar de se mostrar reconhecido pelas bondades das quais era objeto, e sem as quais teria se encontrado sem asilo e sem pão, não teve senão a ingratidão e maus procedimentos, e deu prova do pior mau caráter.

O Espírito de São Luís, consultado a seu respeito, respondeu:

"Esse jovem, como muitos outros, é punido por onde pecou, e traz a pena de sua má conduta. Sua enfermidade não é incurável, e uma magnetização espiritual praticada com zelo,

devotamento e perseverança, dela triunfaria certamente, com ajuda de um tratamento médico destinado a corrigir seu sangue viciado. Já haveria uma melhora sensível em sua visão, que não está ainda inteiramente extinta, se os maus fluidos, dos quais está cercado e saturado, não opusessem um obstáculo à penetração dos bons fluidos que são, de alguma forma, repelidos. No estado em que se encontra, a ação magnética será impotente enquanto não estiver, por sua vontade e sua melhoria, desembaraçado desses fluidos perniciosos.

"É, pois, uma cura moral que é preciso obter, antes de perseguir a cura física. Só um retorno sério sobre si mesmo pode tornar eficazes os cuidados de seu magnetizador, que os Espíritos se apressarão em secundar; no caso contrário, ele deve esperar perder o pouco de luz que lhe resta, e a novas e bem mais terríveis provas que lhe será preciso suportar.

"Agi, pois, para com ele como o fazeis com respeito aos maus Espíritos desencarnados que quereis conduzir ao bem. Ele não está sob o golpe de uma obsessão, é sua natureza que é má e que, além disto, se perverteu no meio em que viveu; os maus Espíritos que o assediam não são atraídos senão pela sua semelhança com o seu próprio; à medida que se melhorar, eles se afastarão. Só então a ação magnética terá toda a sua força. Dai-lhe conselhos; explicai-lhe sua posição; que várias pessoas sinceras se unam em pensamento para orarem a fim de atraírem sobre ele influências salutares. Se disso se aproveita, não tardará a experimentar os bons efeitos, porque nisso será recompensado por uma melhora sensível em sua posição."

Esta instrução nos revela um fato importante, o do obstáculo que o estado moral opõe, em certos casos, à cura dos males físicos.

A explicação acima é de uma incontestável lógica, mas não poderia ser compreendida pelos que não vêem, por toda parte, senão a ação exclusiva da matéria. No caso de que se trata, a cura moral do paciente encontrou sérias dificuldades; foi o que motivou a pergunta acima, proposta pela Sociedade Espírita de Paris.

Seis respostas foram obtidas, todas concordando perfeitamente entre si. Delas não citaremos senão duas, para evitarmos repetições inúteis. Escolhemos aquelas onde a questão está tratada com mais desenvolvimento.

I

Como o Espírito desencarnado vê manifestamente o que se passa e os exemplos terríveis da vida, ele compreende tanto mais depressa o que o exortam a crer ou a fazer; é por isso que não é raro ver-se Espíritos desencarnados dissertarem sabiamente sobre questões que, quando vivos, estavam longe de emocioná-los.

A adversidade amadurece o pensamento. Esta palavra é verdadeira sobretudo para os Espíritos desencarnados, que vêem de perto as conseqüências de sua vida passada.

A negligência e o preconceito, ao contrário, triunfam no Espírito encarnado; as seduções da vida, e mesmo as suas decepções, lhe dão uma misantropia ou uma indiferença

completa pelos homens e as coisas divinas. A carne lhes faz esquecer o Espírito; uns, essencialmente honestos, fazem o bem evitando o mal, por amor ao bem, mas a vida de sua alma está muito perto de ser nula; outros, ao contrário, consideram a vida como uma comédia e esquecem seu papel de homens; outros enfim, completamente embrutecidos, e última escala da espécie humana, nada vendo além, não pressentem nada mesmo, entregando-se, como o animal, aos crimes bárbaros e esquecem sua origem.

Assim uns e outros, pela própria vida, são arrastados, ao passo que os Espíritos desencarnados vêem, escutam e se arrependem com mais boa vontade.

LAMENNAIS, julho, 1865.

Estudos Morais

A Comuna de Koenigsfeld, O Mundo Futuro em Miniatura

Lê-se no Galneur de Colmar.

"A comuna de Koenigsfeld, perto de Villingen, na Forêt Noire, que conta em torno de 400 habitantes, forma um Estado em miniatura. Há cinquenta anos, data de existência dessa comuna, jamais ocorreu que um único habitante tivesse tido problema com a polícia; jamais foi questão de delitos ou de crimes; durante cinquenta anos jamais foi feito algum tráfico desonroso e ali não nasceu filho natural. Jamais se demandou em processo nessa comuna. Nela não se encontram igualmente mendigos."

Esta interessante notícia, tendo sido lida na Sociedade de Paris, deu lugar à comunicação espontânea seguinte:

"É belo ver a virtude num centro restrito e pobre; lá, todos se conhecem, todos se vêem; a caridade ali é simples e grande. Não é o exemplo mais tocante da solidariedade universal essa pequena comuna? Não é em pequeno o que será um dia o resultado da verdadeira caridade, quando ela for praticada por todos os homens? Tudo está lá Espíritas: a caridade, a tolerância. Entre vós se não são os socorros ao infortúnio que são praticáveis, as relações inteligentes, isentas de inveja, de ciúme e de dureza o são sempre."

LAMENNAIS, julho, 1865.

⁶O que causa a maior parte dos males da Terra, se não for o contato incessante dos homens maus e perversos? O egoísmo mata a benevolência, a condescendência, a indulgência, o devotamento, a afeição desinteressada, e todas as qualidades que fazem o encanto e a segurança das relações sociais. Numa sociedade de egoístas, não há segurança para ninguém, porque cada um, não procurando senão seu interesse, sacrifica sem escrúpulo o de seu vizinho. Muitas pessoas se crêem perfeitamente honestas porque são incapazes de assassinar e roubar nos grandes caminhos; mas é que aquele que, por sua cupidez e sua dureza causa a ruína de um indivíduo e o leva ao suicídio, que reduz toda uma família à miséria, ao desespero, não é pior do que um assassino e um ladrão? Ele assassina a fogo lento, e porque a lei não o condena, que seus semelhantes aplaudem o seu saber fazer e a sua habilidade, se crê isento de censuras e caminha de cabeça levantada! Também os homens estão constantemente desconfiando uns dos outros; sua vida é uma ansiedade perpétua; se não temem nem o ferro, nem o veneno, são alvos das chicanas, da inveja, do ciúme, da calúnia, em uma palavra, do assassinato moral. Que seria preciso para fazer cessar este estado de coisas? Praticar a caridade; tudo está aí, como disse Lamennais.

⁶ Reflexão de Kardec sobre o tema.

A comuna de Koenigsfeld nos oferece em pequeno o que será o mundo quando estiver regenerado. O que é possível em pequena escala o é em grande? Duvidar disto seria negar o progresso. Um dia virá em que os homens, vencidos pelos males que o egoísmo engendra, compreenderão que estão em caminho falso, e que Deus quer que aprendam às suas custas, porque lhes deu o livre arbítrio. Ó excesso do mal lhes fará sentir a necessidade do bem, e se voltarão deste lado como para a única âncora de salvação. Que os levará a isto? A fé séria no futuro e não a crença no nada depois da morte; a confiança em um Deus bom e misericordioso, e não o temor dos suplícios eternos.

Tudo está submetido à lei do progresso; os mundos também progridem fisicamente e moralmente; mas se a transformação da Humanidade deve esperar o resultado da melhoria individual, se nenhuma outra causa vier acelerar essa transformação, quantos séculos, quantos milênios serão necessários ainda? Tendo a Terra chegado a uma de suas fases progressivas, basta que não seja mais permitido aos Espíritos atrasados nela se encarnarem, e que à medida das extinções, Espíritos mais avançados venham tomar o lugar dos que partem, para que numa ou duas gerações o caráter geral da Humanidade tenha mudado. Suponhamos, pois, que em lugar de Espíritos egoístas, a Humanidade seja, num tempo dado, formada de Espíritos imbuídos do sentimento de caridade, em lugar de procurarem se prejudicar, se entre ajudarem mutuamente; viverão felizes e em paz. Não mais ambição de povo a povo, portanto, não mais guerras; não mais soberanos governando segundo o bom prazer, a justiça em lugar do arbítrio, portanto,

não mais revoluções; não mais os fortes esmagando ou explorando o fraco, equidade voluntária em todas as transações, portanto, não mais querelas nem chicanas. Tal será o estado do mundo depois de sua transformação. De um mundo de expiação e de prova, de um lugar de exílio para os Espíritos imperfeitos, tornar-se-á um mundo feliz, um lugar de repouso para os bons Espíritos; de um mundo de punição, será um mundo de recompensa.

A comuna de Koenigsfeld se compõe incontestavelmente de Espíritos avançados, pelo menos moralmente, se não o for cientificamente, e que praticam entre eles a lei de caridade e de amor ao próximo; esses Espíritos se reúnem por simpatia nesse canto bendito da Terra, para ali viverem em paz à espera que possam fazê-lo sobre toda a sua superfície. Suponhamos que alguns Espíritos trapalhões, egoístas e maus venham a se encarnar aí, nela semearão logo a perturbação e a confusão; ver-se-iam reviver como alhures as querelas, os processos, os delitos e os crimes; assim o será com a Terra, depois de sua transformação, se Deus lhe abrisse o acesso aos maus Espíritos. A Terra progredindo, nela estariam deslocados, é por isso que irão expiar seu endurecimento e perfazer sua educação moral em mundos menos avançados.

Dissertações Espíritas

O cardeal Wiseman

A Patrie, de 18 de março de 1865, relata o que segue:

"O cardeal Wiseman, que acaba de morrer na Inglaterra, acreditava no Espiritismo. É o que prova o fato seguinte, que foi citado pelo Spiritualist magazine.

"Um bispo lançou a proibição sobre dois membros de sua Igreja, por causa de sua tendência ao Espiritismo. O cardeal levantou essa interdição e permitiu aos dois sacerdotes prosseguirem seus estudos e servirem de médiuns, dizendo-lhes: "Eu mesmo creio firmemente no Espiritismo, e não poderia ser um bom membro da Igreja, se tivesse a menor dúvida a esse respeito."

Este artigo foi lido e comentado numa reunião espírita em casa do Sr. Delanne, mas hesitou-se em fazer a evocação do cardeal, quando ele se manifestou espontaneamente pelas duas comunicações seguintes.

I

Vosso desejo de me evocar me trouxe para vós, e estou feliz em vir vos dizer, meus irmãos bem amados, sim, sobre a Terra, eu era Espírita convicto. Vim com essas aspirações que

não havia podido desenvolver, mas que era feliz em ver desenvolver por outros.

Eu era Espírita, porque o Espiritismo é o caminho reto que conduz ao verdadeiro objetivo e à perfeição; eu era Espírita, porque reconhecia no Espiritismo o cumprimento de todas as profecias desde o começo do mundo até nossos dias; eu era Espírita porque essa doutrina é o desenvolvimento da religião, esclarecendo os mistérios e a marcha da Humanidade até Deus, que é a unidade; eu era Espírita, porque compreendi que essa revelação vinha de Deus e que todos os homens sérios deveriam ajudar a sua caminhada, a fim de poder um dia se estenderem mão segura; eu era Espírita, enfim, porque o Espiritismo não lança anátema sobre ninguém, e que, a exemplo do Cristo, nosso divino modelo, estende os braços a todos, sem distinção de classe e de culto. Eis porque eu era Espírita cristão.

Ó meus irmãos bem-amados! que graça imensa o Senhor concede aos homens enviando-lhes esta luz divina que lhes abre os olhos e fá-los ver, de maneira irrecusável, que além da túmulo existe bem uma outra vida, e, que em lugar do medo da morte, quando se viveu segundo os desígnios de Deus, deve-se bendizê-la quando vem livrar um de nós das pesadas cadeias da matéria.

Sim, esta vida que se prega constantemente de maneira tão apavorante, existe; mas não tem nada de penoso para as almas que, sobre a Terra, observaram as leis do Senhor. Sim, lá, encontram-se aqueles que se amou sobre a Terra; é uma mãe bem-amada, uma terna mãe que vem vos felicitar e vos receber; são amigos que vêm vos ajudar a vos reconhecer, em vossa

verdadeira pátria, e que vos mostram todos os encantos da vida verdadeira, da qual os da Terra não são senão as tristes imagens.

Perseverai, meus irmãos bem-amados, caminhando no caminho bendito do Espiritismo; que para vós isso não seja uma palavra vã; que as manifestações que recebeis vos ajudem a escalar o rude calvário da vida, afim de que chegados ao cume, possais ir recolher os frutos de vida que vós vos tereis preparado. É o que vos desejo a todos que me escutais e a todos os meus irmãos em Deus. Aquele que foi cardeal Wiseman.

(Médium senhora Delanne).

II

Meus amigos, por que não viria a vós? Os sentimentos expressos quando eu estava sobre vossa Terra e que devem ser os de todos servidores de Deus e da verdade, devem ser, para todo Espírita convicto, uma segurança de que usarei da graça que o Senhor me concede de vir instruir e guiar meus irmãos.

Oh! sim, meus amigos, é com alegria e reconhecimento por aquele a quem todos nós devemos, que venho vos exortar, vós que tendes a felicidade de serem admitidos entre os obreiros do Senhor, de perseverar no caminho em que estais empenhados; se não é o único, ao menos o melhor, porque se uma parte da Humanidade pode fazer sua salvação com a lei cega sem cair nas armadilhas e nos perigos que ela oferece, com mais forte razão aqueles cuja fé tem por base a razão e o amor

de Deus, que vos fazemos conhecer tal qual é, devendo chegar a conquistar a vida eterna no seio desse mesmo Deus.

Filhos, inclinai-vos, curvai a cabeça, porque vosso Deus, vosso pai vos abençoa. Glorificai-o e amai-o na eternidade! Oremos juntos.

WISEMAN, assistido por Santo Agostinho.

Estas duas comunicações foram ditadas simultaneamente, o que explica a assistência de Santo Agostinho para a última. Enquanto que Wiseman fazia escrever um dos médiuns, Santo Agostinho fazia escrever o outro, ao qual transmitia o pensamento do cardeal. Frequentemente vêe-se Espíritos pouco avançados, ou ainda na perturbação, não poderem se exprimir sem a ajuda de um Espírito mais elevado, mas aqui não é o mesmo caso; Wiseman está bastante liberto para ele mesmo dar suas idéias.

As duas comunicações adiante foram obtidas em 24 de março, na Sociedade de Paris, sem evocação, em consequência da leitura das precedentes. A quarta é uma apreciação dos fatos acima, pelo Espírito de Lamennais:

III

Venho, meus amigos, confirmar minha comunicação de segunda-feira. Estou feliz por vir num meio onde teria sempre a dizer e onde estou seguro de ser compreendido. Oh! Sim, esta será uma grande alegria para mim de ver se desenvolverem sob

o olhar do mestre os progressos da doutrina santa e regeneradora que deve conduzir o mundo inteiro à sua destinação divina.

Amigos, uni vossos esforços na obra que vos foi confiada e sede reconhecidos do papel que o Criador de todas as coisas vos distribuiu. Não podereis jamais fazer o bastante para reconhecer a graça que vos fez; mas vos terá em conta vossa boa vontade, vossa fé e vosso amor por vossos irmãos. Bendizei-o; amai-o, e tereis a vida eterna.

Oremos juntos, meus caros amigos.

WISEMAN.

(Méd., Sr. Erambert, de Aix)

IV

A religião espiritualista é a alma do cristianismo; não é preciso esquecê-lo. No meio do materialismo, do culto protestante e católico, o cardeal Wiseman usou proclamar a alma antes do corpo, o espírito antes da letra. Essas espécies de audácias são raras nos dois cleros, e é um espetáculo desabitado, com efeito, o ato de fé espírita do cardeal Wiseman. Seria estranho, de resto, que um espírito, assim cultivado, tão elevado quanto o do eminente cardeal tivesse visto no Espiritismo uma fé rebelde aos ensinamentos da mais pura moral do cristianismo; Não saberíamos aplaudir mais, nós Espíritas, a essa confiança distanciada de todo respeito humano, de todo escrúpulo mundano. Não é um encorajamento a voz de

um agonizante tão distinto? Não é um anúncio para o futuro? Uma promessa que com a boa vontade tanto pregada pelo Evangelho não há senão uma verdade contida na prática da caridade e da crença na imortalidade da alma? Outras vozes não menos sagradas proclamam cada dia nossa imortal verdade. É um hosana sublime que cantam os homens visitados pelo Espírito, hosannah também puro, também entusiasta quanto o das almas visitadas por Jesus.

Nós mesmos, almas em sofrimento, não afastamos de nós a lembrança que nos chega, e no purgatório que sofremos, escutamos a voz daqueles que nos fazem ver além.

LAMENNAIS, julho, 1865.

Dissertações espíritas

COMUNICAÇÃO COLETIVA

(Sociedade de Paris, 1o de novembro de 1866. Médium M. Bertrand)

Em 1º de novembro último, estando a Sociedade reunida, como de hábito, para a comemoração dos mortos, recebeu um grande número de comunicações, entre as quais uma sobretudo se distinguiu pelo seu feitio inteiramente novo, e que consiste numa seqüência de pensamentos destacados, cada um assinado com um nome diferente, que se encadeiam e se completam uns pelos outros. Eis esta comunicação:

Meus amigos, quantos Espíritos, ao vosso redor, que gostariam de se comunicar convosco e vos dizer que vos amam; e quanto serieis felizes se o nome de todos aqueles que vos são caros fosse pronunciado na mesa dos médiuns! Que felicidade! que alegria, para cada um de vós, se vosso pai, vossa mãe, vosso irmão, vossa irmã, Vossos filhos e vossos amigos viessem vos falar! Mas compreendeis que é impossível que sejais todos satisfeitos; o número dos médiuns não bastaria; mas o que não é impossível é que um Espírito, em nome de todos os vossos parentes e amigos, venha vos dizer: Obrigado pela vossa boa lembrança e vossas preces ardentes; coragem! tende a esperança de que um dia, depois de vossa libertação, viremos todos vos estender a mão. Ficai persuadidos de que o que o Espiritismo vos ensina é o eco das leis do Todo-Poderoso; pelo amor, tornaivos todos irmãos, e vos aliviáis do pesado fardo que carregais.

Agora, caros amigos, todos os vossos Espíritos protetores virão lhes dar o seu pensamento. Tu, médium, escuta e deixa teu lápis ir seguindo a sua idéia.

A medicina faz o que fazem os lagostins assustados;
Dr. DEMEURE.

Porque o magnetismo progride e que, progredindo, ele esmaga a medicina atual para substituí-la.
MESMER.

A guerra é um duelo que não cessará senão quando os combatentes tiverem força igual.
NAPOLEÃO.

Força igual materialmente e moralmente.
GENERAL BERTRAND.

A igualdade moral reinará quando o orgulho for destituído.
GENERAL BRUNE.

As revoluções são abusos que destroem outros abusos;
LOUIS XVI.

Mas esses abusos fazem nascer a liberdade. (Nenhum nome).
Para ser iguais é preciso ser irmãos; sem fraternidade, nenhuma igualdade e nenhuma liberdade.
LAFAYETTE.

A ciência é o progresso da inteligência;
NEWTON.

Mas o que lhe é preferível é o progresso moral.

JEAN REYNAUD.

A ciência permanecerá estacionaria até que a moral a tenha alcançado.

FRANÇOIS ARAGO.

Para desenvolver a moral é preciso primeiro extirpar o vício.

BERANGER.

Para destruir o vício é preciso desmascará-lo;

EUGÈNE SUE.

É o que todos os Espíritos fortes e superiores procuram fazer.

JACQUES ARAGO.

Três coisas devem progredir: a música, a poesia, a pintura. A música transporta a alma impressionando o ouvido;

MEYERBEER.

A poesia transporta a alma abrindo o coração.

CASIMIR DELAVIGNE.

A pintura transporta a alma agradando aos olhos.

FLANDRIN.

A poesia, a música e a pintura são irmãs e se dão a mão; uma para abrandar o coração, a outra para abrandar os costumes, e a última para abrir a alma; todas as três para vos elevar ao vosso Criador.

ALFRED DE MUSSET.

Mas nada, nada deve momentaneamente mais progredir do que a filosofia; ela deve dar um passo imenso, deixando estacionar a ciência e as artes, mas para elevá-las tão alto, quando disto for tempo, que esta elevação será muito sutil para vós hoje. Em nome de todos,
SÃO LUÍS.

Em 6 de dezembro, o Sr. Bertrand obteve, no grupo do Sr. Desliens, uma comunicação do mesmo gênero, que, de alguma sorte, é a continuação da precedente.

O amor é uma lira cujas vibrações são os acordes divinos.
HÉLOÍSE.

O amor tem três cordas em sua lira: a emanção divina, a poesia e a melodia; se uma delas falta, os acordes, são imperfeitos.
ABÉLARD.

O amor verdadeiro é harmonioso; suas harmonias embriagam o coração elevando a alma. A paixão entristece os acordes, abaixando a alma.
BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.

Era o amor o que Diógenes procurava procurando um homem...que veio alguns séculos mais tarde, e que o ódio, o orgulho e a hipocrisia crucificaram.
SÓCRATES.

Os sábios da Grécia, algumas vezes, o foram mais em seus escritos e em suas palavras do que em sua pessoa.
PLATÃO.

Ser sábio é amar; procuremos, pois, o amor pejo caminho da sabedoria.

FÉNELON.

Não podeis ser sábios, se não saberdes vos elevar acima da maldade dos homens.

VOLTAIRE.

O sábio é aquele que não crê sê-lo.

CORNEILLE.

Quem se crê pequeno é grande; quem se crê grande é pequeno.

LAFONTAINE.

O sábio se crê ignorante, e quem se crê sábio é ignorante.

ESOPO.

A humildade se crê ainda orgulhosa, e quem se crê humilde não o é.

RACINE.

Não confundais com os humildes aqueles que dizem, por fingida modéstia, ou por interesse, o contrário do que são: estaríeis no erro. Neste caso a verdade se cala.

BONNEFOND.

O gênio se possui por inspiração e não se adquire; Deus quer que as coisas maiores sejam descobertas ou inventadas por seres sem instrução, a fim de paralisar o orgulho, para tornar o homem solidário do homem.

FRANÇOIS ARAGO.

Não tratam de loucos senão aqueles cujas idéias não são timbradas pela autoridade da ciência; é assim que aqueles que crêem tudo saber, rejeitam os pensamentos de gênio daqueles que não sabem nada.

BERANGER.

A crítica é o estimulante do estudo, mas é a paralisação do gênio.

MOLIÈRE.

A ciência aprendida não é senão o esboço da ciência inata; ela não se tornainteligente senão na nova encarnação.

J.-J. ROUSSEAU.

A encarnação é o sono da alma; as peripécias da vida lhe são os sonhos.

BALZAC.

Algumas vezes a vida não é senão um horrível pesadelo para o Espírito, e, freqüentemente, tarda-lhe para que esteja finda;

LA ROCHEFOUCAULT.

Ali está a sua prova; se resiste, dá um passo para o progresso, se não, entrava o caminho que deve conduzi-lo ao porto.

MARTIN.

Ao despertar da alma que saiu vitoriosa das lutas terrestres, o Espírito é maior e mais elevado; se ele sucumbe, encontra-se tal qual era.

PASCAL.

É negar o progresso o querer que a língua seja o emblema da imutabilidade de uma doutrina religiosa; além disto, é forçar o homem a orar mais de lábios do que de coração.

DESCARTES.

A imutabilidade não reside na forma das palavras, mas no verbo do pensamento.

LAMENNAIS.

Jesus dizia aos seus apóstolos para irem pregar o Evangelho em seu idioma, e que todos os povos os compreenderiam.

LACORDAIRE.

A fé desinteressada faz milagres.

BOILEAU.

A doutrina de Jesus não se sente e não se compreende senão pelo coração; qualquer que seja, pois, a maneira pela qual se fale, ela é sempre o amor e a caridade.

BOSSUET.

As preces ditas ou escritas que não são compreendidas, deixam vagar os pensamentos, permitindo aos olhos se distraírem pelo fausto das cerimônias.

MASSILLON.

Tudo mudará, sem, no entanto, retornar à simplicidade de antes, o que seria a negação do progresso. As coisas se farão sem fausto e sem orgulho.

SIBOUR.

O amor triunfará, e virão com ele: a sabedoria, a caridade, a prudência, a força, a ciência, a humildade, a calma, a justiça, o gênio, a tolerância, o entusiasmo e a glória majestosa e divina esmagará, pelo seu esplendor: o orgulho, a inveja, a hipocrisia, a maldade e o ciúme que arrastam atrás de si a preguiça, a gulodice e a luxúria.

EUG. SUE.

O amor reinará, e para que ele não tarde, é preciso, corajoso Diógenes, tomar na mão o facho do Espiritismo, e mostrar aos humanos os vermes roedores que formam ferida em sua alma.

SÃO LUÍS.

COMUNICAÇÃO COLETIVA, março, 1867.

Os Espíritos Marcados

5.- Há muitos Espíritos superiores que concorrem poderosamente à obra regeneradora, mas nem todos são messias. É preciso distinguir:

1° Os Espíritos superiores que agem livremente, e de sua própria vontade;

2° Os Espíritos marcados, quer dizer, designados para uma missão importante. Eles têm a irradiação luminosa que é o sinal característico de sua superioridade. São escolhidos entre os Espíritos capazes de cumpri-la; no entanto, como têm seu livre-arbítrio, podem falhar por falta de coragem, de perseverança e de fé, e não estão ao abrigo dos acidentes que podem abreviar seus dias. Mas como os desígnios de Deus não estão a mercê de um homem, o que um não faz, um outro é chamado a fazê-lo. É porque há muitos chamados e poucos escolhidos. Feliz aquele que cumpriu sua missão segundo os objetivos de Deus e sem desfalecimento!

3° Os Messias, seres superiores chegados ao mais alto grau da hierarquia celeste, depois de terem chegado a uma perfeição que os torna, doravante, infalíveis e acima das fraquezas humanas, mesmo na encarnação. Admitidos no conselho do Mais Alto recebem diretamente sua palavra, que estão encarregados de transmitir e de fazer cumprir. Verdadeiros representantes da Divindade, da qual têm o pensamento, é entre eles que Deus escolhe seus enviados especiais, ou seus Messias para as grandes missões gerais, cujos detalhes de execução são

confiados a outros Espíritos, encarnados ou desencarnados, agindo por suas ordens e sob sua inspiração.

Os Espíritos destas três categorias devem concorrer ao grande movimento regenerador que se opera. (Êxtase sonambúlico; Paris 1866.)

6.- Venho, meus amigos confirmar a esperança dos altos destinos que esperam o Espiritismo. Esse glorioso futuro que vos anunciamos será realizado pela vinda de um Espírito superior que resumirá, na essência de sua perfeição, todas as doutrinas antigas e novas e que, pela autoridade de sua palavra, unirá os homens às crenças novas. Semelhante ao sol levante, dissipará todos os obstáculos amontoados sobre a eterna verdade pelo fanatismo e a inobservância dos preceitos do Cristo.

A estrela da nova crença, o futuro Messias, cresce na sombra; mas já seus inimigos tremem, e as virtudes dos céus são abaladas.

Perguntais se esse novo Messias é a própria pessoa de Jesus de Nazaré? Que vos importa, se é o mesmo pensamento que anima a ambos! São as imperfeições que dividem os Espíritos; mas quando as perfeições são iguais, nada os distingue; formam unidades coletivas sem perderem sua individualidade.

O começo de todas as coisas é obscuro e vulgar; o que é pequeno cresce; nossas manifestações, acolhidas de início com desdém, violência ou indiferença banal da curiosidade ociosa, espalharão as ondas de luz sobre os cegos e os regenerarão.

Todos os grandes acontecimento tiveram seus profetas, alternativamente incensados e menosprezados. Assim como Moisés conduziu os Hebreus, nós vos conduziremos para a terra prometida da inteligência. Semelhança chocante! os mesmos fenômenos se reproduzem, não mais no sentido material destinado a impressionar homens crianças, mas em sua acepção espiritual. As crianças se tornaram adultos; o objetivo crescendo, os exemplos não se dirigem mais aos olhos; a vara de Aarão está quebrada, e a única transformação que operamos é a de vossos corações tomados atentos ao grito de amor que, do céu, repercute na Terra.

Espíritas! compreendei a seriedade de vossa missão; tremei de alegria, porque a hora não está longe em que o divino enviado alegrará o mundo. Espíritas laboriosos, sede benditos em vossos esforços, e sede perdoados em vossos erros. A ignorância e a perturbação vos esconde ainda uma parte da verdade que só o celeste Mensageiro pode revelar inteiramente. (São Luís; Paris, 1862.)

7.- A vinda do Cristo restabeleceu vossa Terra aos sentimentos que, por um instante, a submeteram à vontade de Deus; mas os homens, cegados por suas paixões, não puderam guardar em seu coração o amor ao próximo, o amor ao Senhor do céu. O enviado do Todo-Poderoso abriu à Humanidade o caminho que conduz à morada bem-aventurada; mas a Humanidade recuou do passo imenso que o Cristo a tinha feito dar; ela caiu no trilho do egoísmo, e o orgulho fê-la esquecer seu Criador.

Deus permite que, uma vez ainda, sua palavra seja pregada na Terra e tereis a glorificá-lo daquilo que consentiu vos chamar, os primeiros, a crerem o que mais tarde seria ensinado. Regozijai-vos, porque os tempos estão próximos em que essa palavra se fará ouvir. Melhorai-vos, aproveitando os ensinamentos que ele nos permite vos dar.

Que a árvore da fé, que toma neste momento raízes tão vivazes, traga seus frutos; que esses frutos amadureçam como amadurecerá a fé que anima hoje alguns dentre vós!

Sim, meus filhos, o povo caminhará mais depressa na nova mensagem anunciada pelo próprio Cristo, e todos virão escutar essa divina palavra, porque nela reconhecerão a linguagem da verdade e o caminho da salvação. Deus que nos permitiu esclarecer, sustentar vossa caminhada até esse dia, nos permitirá ainda vos dar as instruções que vos são necessárias.

Mas vós também que, os primeiros, fostes favorecidos pela crença, tendes vossa missão a cumprir; tendes que trazer aqueles, dentre vós, que duvidam ainda dessas manifestações que Deus permite; tereis que fazer luzir, aos seus olhos, os benefícios que tanto vos tem consolado; porque, em vossos dias de tristeza e de abatimento, vossa crença não vos sustentou; não fez nascer em vosso coração essa esperança que, sem ela, teríeis ficado no desencorajamento?

Será aí que será preciso partilhar com aqueles que não crêem ainda, não por uma precipitação intempestiva, mas com prudência e sem chocar de frente os preconceitos há muito tempo enraizados. Não se arranca uma velha árvore com um só golpe; como um talo de erva, mas pouco a pouco.

Semeai, desde o presente, o que mais tarde quereis colher; semeai o grão que virá frutificar no terreno que preparaste e do qual vós mesmo recolhereis os frutos, porque Deus vos terá em conta do que tiverdes feito por vossos irmãos.

LAMENNAIS, fevereiro, 1868.

LAMENNAIS, FELICITE ROBERT DE, (1782-1854), teólogo, filósofo e escritor francês. Quando suas idéias de liberalismo católico foram condenadas pelo papa, ele separou-se da Igreja. A seguir, escreveu várias obras defendendo e aprofundando seus ideais de um humanitarismo socialista Traduziu a Divina Comédia, (KARDEC, Revista Espírita, 1869)

Referências

LAMENNAIS (Espírito). A Eletricidade Espiritual. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de estudos psicológicos. Agosto, 1860. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1860.pdf>> Acesso em: 17 Julho. 2013.

_____. A Hipocrisia. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de estudos psicológicos. Outubro, 1860. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1860.pdf>> Acesso em: 17 Julho. 2013.

_____. O Cristianismo. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de estudos psicológicos. Novembro, 1860. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1860.pdf>> Acesso em: 17 Julho. 2013.

_____. Os Inimigos do Progresso. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de estudos psicológicos. Novembro, 1860. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1860.pdf>> Acesso em: 17 Julho. 2013.

_____. Pensamentos Destacados. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Novembro, 1860. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1860.pdf>> Acesso em: 01 Agosto. 2013.

_____. Alegoria de Lázaro. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Dezembro, 1860. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1860.pdf>> Acesso em: 01 Agosto. 2013.

_____. A Pintura e a Música. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Maio, 1861. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1861.pdf>> Acesso em: 01 Agosto. 2013.

_____. Sobre o Perispírito. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Junho, 1861. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1861.pdf>> Acesso em: 01 Agosto. 2013.

_____. O Estilo é o Homem. Polêmica entre vários espíritos. Dissertação de Lamennais. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Setembro, 1861. Disponível em:

<<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1861.pdf>> Acesso em: 01 Agosto. 2013.

_____. Meditações Filosóficas e Religiosas. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Dezembro, 1861. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1861.pdf>> Acesso em: 01 Agosto. 2013.

_____. Meditações Filosóficas e Religiosas, pelo Espírito de Lamennais. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Fevereiro, 1862. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1862.pdf>> Acesso em: 01 Agosto. 2013.

_____. A Caridade para com os Criminosos. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Março, 1862. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1862.pdf>> Acesso em: 01 Agosto. 2013.

_____. Dissertações Espíritas: Os Mártires do Espiritismo. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Abril, 1862. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1862.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. O Padeiro Desumano - Suicídio. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Maio, 1862. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1862.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. Sobre o quando do Sr, Ingres. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Junho, 1862. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1862.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. César, Clóvis e Charlemagne. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Julho, 1862. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1862.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. O Perdão. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Agosto, 1862. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1862.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. A Razão e o Sobrenatural. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Agosto, 1862. Disponível em:

<<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1862.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

ERASTO (Espírito). Perguntas e Problemas: Os Espíritos Incrédulos e Materialistas. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Março, 1863. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1863.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

LAMENNAIS (Espírito). Perguntas e Problemas: Os Espíritos Incrédulos e Materialistas. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Março, 1863. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1863.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. As Épocas de Transição na Humanidade. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Junho, 1863. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1863.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. O Purgatório. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Setembro, 1863. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1863.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. Longevidade dos Patriarcas. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Outubro, 1863. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1863.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. Sobre a Alimentação do Homem. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Dezembro, 1863. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1863.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. O Castigo pela Luz. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Julho, 1864. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1864.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. Cura Moral dos Encarnados. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Julho, 1865. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1865.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. A Comuna de Koenigsfeld, O Mundo Futuro em Miniatura. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita:** Jornal de estudos psicológicos. Julho, 1865. Disponível em:

<<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1865.pdf>> Acesso em: 02 Agosto. 2013.

_____. O cardeal Wiseman. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de estudos psicológicos. Julho, 1865. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1865.pdf>> Acesso em: 13 Setembro. 2013.

_____. Comunicação Coletiva. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de estudos psicológicos. Março, 1867. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1867.pdf>> Acesso em: 13 Setembro. 2013.

_____. Os Espíritos Marcados. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de estudos psicológicos. Fevereiro, 1868. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1868.pdf>> Acesso em: 13 Setembro. 2013.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de estudos psicológicos. Índice biográfico da coleção Revista Espírita (1858-1869). Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1869.pdf>> Acesso em: 13 Setembro. 2013.